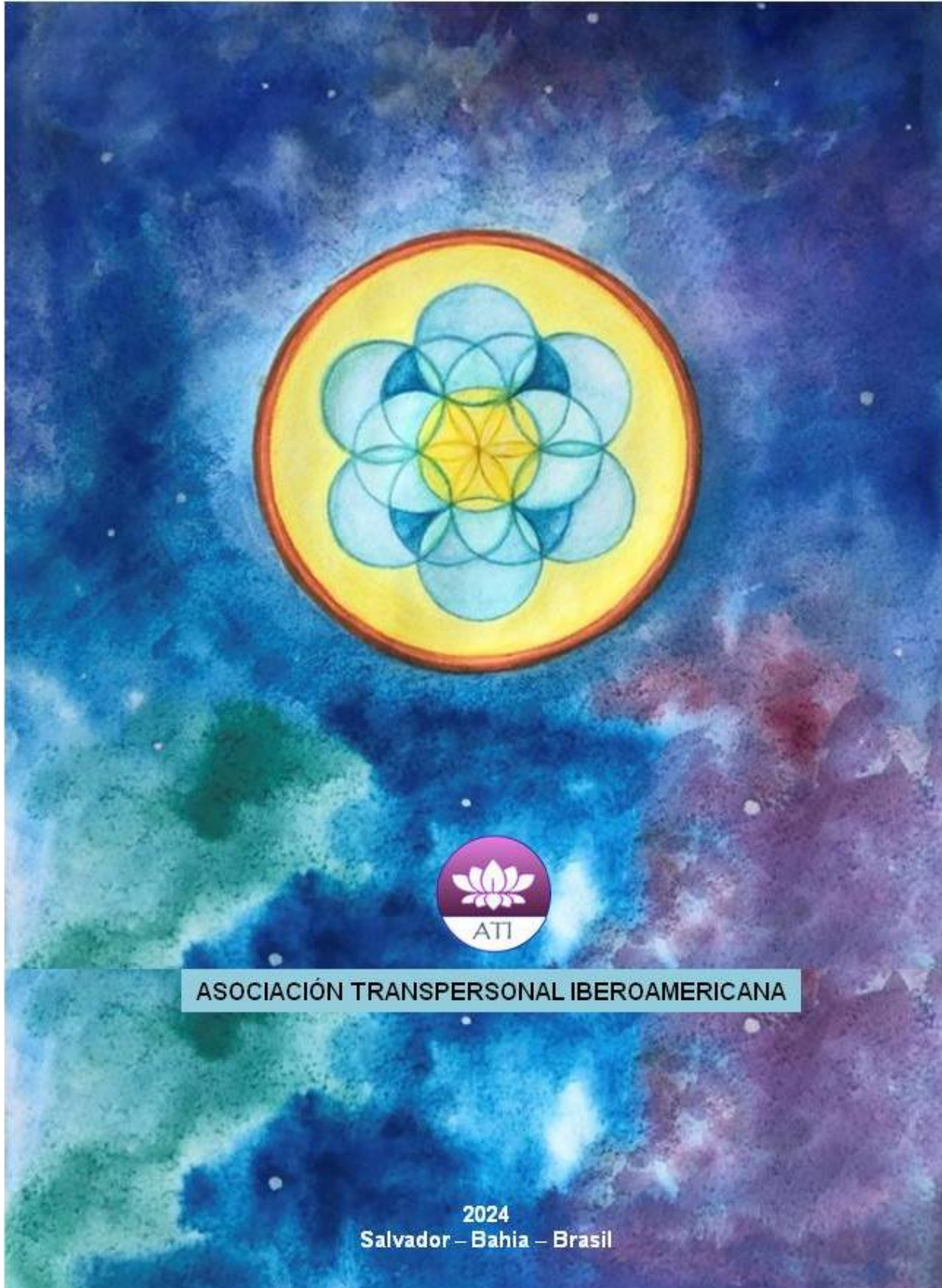




REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org



ASOCIACIÓN TRANSPERSONAL IBEROAMERICANA

2024
Salvador – Bahia – Brasil



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro e publicado pela Associação Transpessoal Iberoamericana, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos.

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão

transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a ideias e verdades diferentes das nossas.

E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.

Enviar para: cel5zen@gmail.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma publicação da Asociación Transpersonal Iberoamericana
www.ati-transpersonal.org

Criação, editoração e coordenação geral

Maria Celeste Carneiro dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Instituto Hólon - BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia).

Membro da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>



CONSELHO EDITORIAL

Priscila Peixinho Fiorindo

Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Francesca Freitas

Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSM em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSM, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSM, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi

Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em

Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da Oscip *Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora: Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira

Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumorais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Pedro Teixeira da Mota

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimentos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos

Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Glícia Conceição Manso Paganotto

Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em

Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo

Psicólogo transpessoal e doutor em psicologia pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicologia Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros:

Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas; Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar; Transtornos Mentais sob um Novo Prisma. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira

Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha

Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora

de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas

Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares

Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças, no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na

Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González

Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Lívia Maria Costa Sousa

Doutoranda e Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014). Atualmente, é graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literaturas brasileiras e africanas. Também atua como coordenadora editorial da LEAL Editora e como membro do conselho editorial da revista vinculada a essa editora. Possui experiência em edição, revisão e diagramação de livros e revistas, além de redação publicitária e marketing digital. É escritora e possui vários textos publicados em antologias e revistas literárias. Seu currículo Lattes pode ser acessado através do link: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências,

deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados para o e-mail: cel5zen@gmail.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

CONTATO



Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro

**CINDEP – Centro Integrado de
Desenvolvimento Pessoal**

Centro Odonto Médico Henri Dunant
Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 –
Federação (Garibaldi)
CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil

CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro

ASBART 0036/0906 / ALUBRAT 201740

Telefone: +55 71 - 98874-1155

cel5zen@gmail.com

www.artezen.org

ou

gildemar@ufba.br

PARCERIA

ENTIDAD EDITORIAL



ASOCIACIÓN TRANSPERSONAL IBEROAMERICANA

C/ Andrés Mellado, 65.

28015 Madrid, Spain

www.ati-transpersonal.org

ATI - Asociación Transpersonal Iberoamericana es una organización internacional, sin afiliación política, laica, y sin ánimo de lucro, que busca representar a la comunidad transpersonal de los países constituyentes de Latinoamérica y la Península Ibérica, dedicada a promover, de forma teórica y práctica, la visión transpersonal en los ámbitos académicos, de investigación, educación, salud, desarrollo personal, social y ambiental.

Pretende fomentar el conocimiento y aplicación de la psicología transpersonal (origen de la disciplina) en diferentes ámbitos del saber como son: la psicología, la filosofía, la epistemología, la medicina, la antropología, la espiritualidad, el arte, la física, la política, la farmacología, la educación, la ecología y la economía.

La Asociación Transpersonal Iberoamericana (ATI) fue inscrita en el Registro Nacional de Asociaciones del Ministerio del Interior (España) el 25 de marzo de 2015.

<https://www.ati-transpersonal.org/es>



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Vol. 23 - Ano 12 - Nº 23 – 1º semestre/2024
 ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|--|--------------|
| 1 – CRIATIVIDADE: CONDIÇÃO NATURAL PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E PSÍQUICO DO SER HUMANO | p. 10 |
| Denise Severo Spadoni de Vargas e Sonia Maria Bufarah Tommasi | |
| 2 – O POEMA COMO OBJETO DE SENSIBILIDADE E SIGNO DE RESISTÊNCIA DO POETA | p. 19 |
| Augusta Lorena Santana Gonçalves | |
| 3 – MENTE SOBRE PLÁSTICO: desvendando o poder psicológico da Barbie na construção do Self / MENTE SOBRE PLÁSTICO: desvelando el poder psicológico de Barbie en la construcción del Self | p. 29 |
| Cleuseni Resende de Oliveira, Debora Louise Oaida, Mario Alberto Otero Mancini, Sheila de Souza Moreira e Eugênio Pereira de Paula Júnior (orientador) | |
| 4 – ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA IDOSOS EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA / PSYCHOLOGICAL SUPPORT FOR THE ELDERL IN LONG-STAY INSTITUTIONS | p. 43 |
| Ana Caroline Cordeiro, Keila Tavares Fernandes e Ketlin Emanuele Reis Antunes | |
| 5 – André Luiz Peixinho – mais uma partida inesperada | p. 53 |
| Celeste Carneiro, Marco Peixinho e Eleonora Peixinho | |
| 6 – BRINCANDO NO CREPÚSCULO | p. 56 |
| Marcos Arruda | |

Capa: *Em reconstrução* – pintura de Celeste Carneiro – março/2024.



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

1 – CRIATIVIDADE: CONDIÇÃO NATURAL PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E PSÍQUICO DO SER HUMANO

Denise Severo Spadoni de Vargas¹
 Sonia Maria Bufarah Tommasi²

RESUMO

O presente artigo refere-se ao trabalho de conclusão do curso de Pós-graduação em Psicologia Analítica da Universidade da Paz UNIPAZ-Goiás. O tema abordado trata da criatividade: condição natural para o desenvolvimento emocional e psíquico do ser humano. Baseou-se na teoria da Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung, na qual possibilita ao indivíduo acessar o próprio universo interior por meio da sua expressão criativa. Essa conexão facilitará a liberação da energia psíquica por meio de imagens arquetípicas favorecendo, gradativamente, o diálogo entre o inconsciente e consciente. Esse movimento gera a canalização de emoções que estavam guardadas na memória, ou reprimidas na sombra, oportunizando a escuta da sua alma, possibilitando o autoconhecimento e o processo de individuação.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Criatividade. Autoconhecimento.

¹**Denise Severo Spadoni de Vargas** – Arteterapeuta (AATERGS 215/0121), artista-plástica e arte-educadora. Graduada em Educação Artística/Artes Plásticas, pela UNIVALE – Cachoeira do Sul, RS. Especialista em Psicologia Analítica (UNIPAZ-GO), Arteterapia (CENSUPEG) e Psicopedagogia Institucional (IESDE). spadonidenise22@gmail.com

²**Sonia Maria Bufarah Tommasi** – Psicóloga, Arteterapeuta. Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialista em Psicologia Analítica. Musicoterapia. Membro Revisor de Revistas Científicas. Autora e coautora de livros de Arteterapia e Psicologia Analítica. Coordenadora e facilitadora dos cursos de Psicologia Analítica e Arteterapia da UNIPAZ Goiás. soniabtommasi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O curso de Psicologia Analítica proporciona ao indivíduo um mergulho interior, favorecendo auto descobertas, ajudando a reconhecer o que é importante para a sua essência, o que faz sentido, o que é significativo, auxilia no desenvolvimento do processo de autoconhecimento.

Conhecer a teoria de Carl G. Jung foi muito importante para mim, pois estou mais autorreflexiva e mais harmoniosa.

Os conceitos teóricos desenvolvidos por Carl G. Jung, tais como arquétipos, energia psíquica, tipos psicológicos, sincronicidade e espiritualidade, foram bastante instigantes e essenciais para a autodescoberta, pois direcionaram a escolha do tema da obra-prima.

Desde a adolescência, a criatividade sempre se manifestou de forma ativa nas minhas atividades: confeccionava bonecas de feltro, em outros momentos customizava peças de roupas, pintava calçados ou tricotava blusões. Sempre com apreço.

Então, decidi que seria professora de educação pré-escolar para me ocupar livremente com as criações plásticas dos meus alunos, o que me levou a escolher a graduação em Educação Artística em 1991. Nessa época, iniciei também o desenvolvimento das minhas expressões plásticas. Passei, em seguida, a atuar como arte-educadora na escola onde trabalhava. Sempre procurei incentivar a autorreflexão a fim de que os alunos valorizassem suas experiências criadoras, ajudando-os a perceber suas potencialidades.

Aperfeiçoei-me na Psicopedagogia para auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem, sempre utilizando a arte como ferramenta. Com isso, pude constatar que os processos criativos ajudavam os alunos a superar seus bloqueios cognitivos, tranquilizando-os e, conseqüentemente, elevando sua autoestima.

Pude aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo desse tempo em uma oficina de mandalas, realizada de maio a setembro de 2022, para alunos das séries finais do ensino fundamental da rede municipal de Guaíba/RS. Observar o processo criativo acontecendo foi mágico; ao permitirem que o inconsciente fluísse, surgiram imagens lindas e diversas. A concentração, os sorrisos e a alegria foram evidenciados por suas expressões faciais e corporais.

Diante do exposto, fiquei refletindo sobre o quanto a criatividade é um tema que me atrai, pois está relacionado à minha trajetória de vida. Desta forma, o tema da minha obra-prima emerge das profundezas do meu ser e das formações acadêmicas que realizei até o momento atual, como educadora, arteterapeuta e artista plástica. O título da obra é "Criatividade: Condição Natural para o Desenvolvimento Emocional e Psíquico do Ser Humano".

2. O SER HUMANO É CRIATIVO POR NATUREZA

Desde o começo dos tempos, o homem criou histórias com deuses, animais falantes, monstros, fadas, bruxas e outros tipos de seres. Encontrava, nas forças da natureza, outros seres com forças além das suas para explicar o que não compreendia. A origem do universo vem sendo questionada por diversos povos ao longo da história da humanidade, e esse tema foi explorado no imaginário de várias civilizações através de mitos, resultando na criação de cosmogonias. Campbell (2001, p.8), afirma que "a imagem básica inserida profundamente no senso comum da maioria dos povos do mundo ocidental, consta no livro do Gênesis".

No princípio, Deus criou o céu e a terra. 2. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. 3. Deus disse: "Faça-se a luz!" E a luz foi feita. 4. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. 5. Deus chamou à luz dia, e às trevas noite. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia. 6. Deus disse: "Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras". 7. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima.

[...] "não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse"; 6. mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície. 7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem

se tornou um ser vivente (GÊNESIS, cap. 1,2).

Segundo Campbell (2001, p. 10), “é a partir do imaginário que extraímos o sentido do mundo, da vida”. A imaginação, para Jung (OC. vol. VI, § 810), é a atividade reprodutora ou criativa do espírito em geral.

(...) sem ser uma faculdade especial, pois se reflete em todas as formas básicas da vida psíquica: pensar, sentir, sensualizar e intuir. A fantasia, como atividade imaginativa, é mera expressão direta da atividade psíquica, da energia psíquica que só é dada à consciência sob a forma de imagens ou conteúdo (JUNG, OC vol. VI, § 810).

O espaço da imaginação, para Kast (1991, p.13) “é o espaço da liberdade – um lugar onde os limites são superados naturalmente, espaço e tempo são relativizados e as possibilidades tomam-se vivenciáveis”. Em nossa imaginação, a psique se manifesta através dos desejos, medos, ansiedades e possibilidades criativas. Tommasi e Soares (2015, p. 24) afirmam que “se não fosse o mundo imaginário, o ser humano estaria ainda preso a sua condição animal, o avanço tecnológico não aconteceria nem a ciência teria se desenvolvido”.

Por meio das nossas habilidades criativas, conseguimos nos colocar no lugar de outras pessoas, compreendendo seus sentimentos e seus humores. Dessa forma, podemos conceber uma situação em circunstâncias diferentes, imaginando como transformá-la. “A realidade vivida, acaba tornando-se um símbolo na imaginação, uma espécie de campo intermediário entre a realidade concreta vivida e a ligação com nosso substrato psíquico” (KAST, 1991, p.13).

O sistema psíquico consiste em muitas partes, como afirma Stein (2006, p. 152) “pensamentos e imagens arquetípicas situam-se num pólo do espectro, as representações de pulsões e instintos no outro extremo”. Uma grande quantidade de material pessoal encontra-se entre esses dois polos, assim como memórias esquecidas e lembradas, bem como todos os complexos. De onde vem essas imagens arquetípicas que se apresentam na nossa psique? Para Jacobi os arquétipos são, por definição, fatores e temas que ordenam

elementos psíquicos, formando determinadas imagens mas de uma maneira que só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. O mesmo autor cita: “se a estrutura psíquica e seus elementos, os arquétipos, se originaram em algum momento é uma questão da metafísica e, portanto, impossível de responder” (2017, p. 45).

A origem de um arquétipo permanece obscura, e sua essência, insondável; pois ele reside nesse misterioso reino de sombras no inconsciente coletivo, ao qual nunca teremos acesso direto; e só podemos ter um conhecimento indireto de sua essência e atividade, justamente por meio de nosso encontro com os arquétipos, isto é, com suas manifestações na psique (JUNG in JACOBI, 2017 p. 45, 46).

Os fenômenos psíquicos, como explica Grinberg (2017, p. 129), são de natureza energética, e a psique está constantemente produzindo símbolos. Estes símbolos “constituem o cerne da vida imaginativa e revelam os segredos do inconsciente, abrindo o espírito para o desconhecido e o infinito”, como afirmam Chevalier e Gheerbrant. “Eles moldam os desejos, incentivam empreendimentos, influenciam comportamentos e podem resultar em êxitos ou derrotas” (CHEVALIER E GHERBRANT, 2019, p. 6).

A percepção do símbolo é pessoal, influenciada por diferenciações culturais e sociais, próprias ao meio em que está inserido. Sintetiza numa expressão sensível todas as influências do inconsciente e do consciente, assim como as forças instintivas e espirituais em conflito ou em via de se harmonizar no interior de cada homem, diz (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2019, p. 8). “Não é seguramente nem uma alegoria nem um mero signo, mas sim uma imagem apropriada para designar, a natureza obscuramente sentida do espírito”.

Confirmando a ideia acima, Jacobi afirma (2017, p. 90):

o símbolo está carregado de afetividade e de dinamismo, afeta estrutura mentais. É uma espécie de mediador entre a incompatibilidade de consciente e inconsciente, entre o

oculto e o manifesto, o abstrato e o concreto, o racional e o irracional. São sempre pluridimensionais, exprimem, de fato, relações terra-céu, espaço-tempo, imanente-transcendente. O homem está sempre criando símbolos de modo inconsciente e espontâneo.

3. DEFINIÇÕES DE CRIATIVIDADE

A criatividade, segundo o Dicionário Online de Português, é definida como “qualidade da pessoa criativa, de quem tem capacidade, inteligência e talento para criar, inventar ou fazer inovações na área em que atua; originalidade”. Essa capacidade de inventar, de criar, de compor só é possível a partir da imaginação.

Segundo Estes (2018, p. 22) a criatividade emana de algo que surge, cresce, toma impulso, se avoluma e se derrama para dentro de nós. Essa energia criativa, conforme aponta Stein (2006, p. 61) “é transformada de uma expressão de simples instinto, de descarga de um poderoso impulso, para expressões e realizações culturais,” possibilitando o desprendimento da energia psíquica, diz (ESTES 2018, p. 340). Para Jung, explica Grinberg (2017, p. 278), a energia psíquica é um tipo de energia vital neutra que assume a forma da estrutura preexistente (arquetipo) por onde ela flui, impulsionando-nos nas nossas escolhas das mais diversas situações.

Os arquétipos “se dividem fenomenologicamente em duas categorias: uma instintiva e outra arquetípica” (JUNG, OC. vol. 8/2, § 423). A primeira é constituída pelos impulsos naturais, e a segunda pelas dominantes que irrompem na consciência como ideias universais. As manifestações dos arquétipos, diz Jaffé (1986 p. 138) repousam sobre condicionamentos instintivos e nada têm a ver com a razão; além de não serem fundadas racionalmente, não podem ser afastadas por uma argumentação racional. Foram e são desde sempre partes da imagem do mundo, “representações coletivas”.

Todas as ideias e representações mais poderosas da humanidade remontam aos arquétipos, afirma Jung (OC. vol. 8/2, § 342), assim como os conceitos centrais da Ciência, da Filosofia e da moral. Na sua forma atual eles são variantes das ideias primordiais, geradas pela aplicação e adaptação

conscientes dessas ideias à realidade. A função da consciência é não só a de reconhecer e assumir o mundo exterior através da porta dos sentidos, mas traduzir criativamente o mundo exterior para a realidade visível.

Jung (OC. vol. 8/2, § 246) afirma que os fatores psíquicos que determinam o comportamento humano são, principalmente, os instintos, sendo eles: a fome, a sexualidade, a atividade, a reflexão e a criatividade. Enquanto forças motivadoras do processo psíquico, eles seriam uma espécie de órgãos psíquicos e são certamente extrapsíquicas determinantes.

O instinto de reflexão talvez constitua a nota característica e a riqueza da psique humana. A reflexão retrata o processo de excitação e conduz o seu impulso para uma série de imagens que, se o estímulo for bastante forte, é reproduzida em nível externo. Esta reprodução concerne seja a todo o processo, seja ao resultado do que se passa interiormente, e tem lugar sob diferentes formas: ora diretamente, como expressão verbal, ora como expressão do pensamento abstrato, como representação dramática ou como comportamento ético, ou ainda como feito científico ou como obra de arte (JUNG, OC. vol. 8/2, § 242).

Segundo Jung (OC. vol 8/2, § 243) “a reflexão é o instinto cultural par excellence e sua força se revela na maneira como a cultura se afirma em face da natureza”. Para o autor:

Os instintos em si não são criativos. Com efeito, por constituírem uma organização estável, tornaram-se automáticos. Nem mesmo o instinto de reflexão foge a esta regra, porque o fato de produzir a consciência em si ainda não é um ato criativo, mas, em certas circunstâncias pode tornar-se um processo automático. O homem é distintivamente dotado de capacidade de criar coisas novas no verdadeiro sentido da palavra, justamente da mesma forma como a natureza, no decurso de longos períodos de tempo, consegue produzir novas formas (JUNG, OC. vol. 8/2 § 244, 245).

Jung (OC. vol. 8/2, § 245) afirma “não sei se instinto seria a palavra correta para este fenômeno”. Ele utiliza a expressão instinto criativo, para afirmar que este último age de

forma parecida ao instinto, empregando a força criativa como sendo um fator psíquico de natureza semelhante à do instinto.

Na realidade uma íntima e profunda relação com os outros instintos, mas não é idêntico a nenhum deles. Suas relações com a sexualidade são um problema muito discutido e sem muita coisa em comum com o impulso a agir e com o instinto de reflexão. Mas pode também reprimir todos estes instintos e colocá-los a seu serviço até à autodestruição do indivíduo. A criação é ao mesmo tempo destruição e construção (JUNG, OC. vol. 8/2, § 245).

4. A CRIATIVIDADE E A SOBREVIVÊNCIA HUMANA

Todo movimento criativo do indivíduo trata-se de processos essencialmente intuitivos. Eles se tornam conscientes na medida em que são expressos. A natureza criativa se elabora em dois níveis da existência humana: o nível individual e o cultural, como explica Ostrower (1977, p. 1). Para a autora (1977, p. 2) o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação, movido por necessidades concretas, sempre novas. Esse potencial afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais.

Para tanto, a percepção consciente na ação humana se nos afigura como uma premissa básica da criação, pois, além de resolver situações imediatas, o homem é capaz de se antecipar mentalmente a elas.

Não antevê apenas certas soluções. Mais significativo ainda é a sua capacidade de antever certos problemas. “Desde as primeiras culturas, o ser humano surge mais que um homem fazedor é um ser informador” (Ostrower, 1977, p. 2).

Antes de existir a situação concreta da criação, ocorre uma mobilização interior, nem sempre consciente, que é orientada para determinada finalidade. Circunstâncias hipotéticas podem repentinamente ser percebidas, interligando-se na imaginação e propondo a solução para um problema concebido (OSTROWER, 1977, p. 3).

Os comportamentos criativos do homem se baseiam na integração do consciente, do sensível e do cultural. Somente ante o ato intencional, isto é, ante a ação de um ser

consciente, faz sentido falar-se da criação. É justamente a presença da consciência que alimenta o potencial imaginativo na ação, assim como, é ela que desencadeia as mudanças comportamentais oriundas da ação criativa do indivíduo que agiu.

O homem será um ser consciente e sensível em qualquer contexto cultural, pois a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica. Essas são qualidades comportamentais inatas, ao passo que a cultura representa o desenvolvimento social do homem, visto que configura as formas de convívio entre as pessoas.

As culturas se acumulam, se diversificam, se complexificam e se enriquecem, desenvolvem-se e, por motivos sociais, se extinguem ou são extintas. Até poder-se-ia dizer que as culturas não são herdadas, são antes transmitidas.

O potencial consciente e sensível de cada um se realizará sempre e unicamente dentro de formas culturais. O comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, do grupo em que ele, indivíduo, nasce e cresce. Ainda vinculado aos mesmos padrões coletivos, ele se desenvolverá enquanto individualidade, com seu modo pessoal de agir, seus sonhos, suas aspirações e suas eventuais realizações. A cultura serve de referência a tudo o que o indivíduo é, faz, comunica, a elaboração de novas atitudes e novos comportamentos e, naturalmente, a toda possível criação (OSTROWER, 1977, p. 3).

Há anos, antropólogos, arqueólogos, paleontólogos e historiadores vêm tentando pesquisar como vivia o homem pré-histórico, tentando reconstituir sua cultura, através de objetos, artefatos, pinturas em cavernas encontrados em várias partes do mundo (PROENÇA, 2002, p.10). No Parque Nacional Kakadu, na Austrália, nas formações rochosas de Ubirr, encontram-se as pinturas rupestres mais antigas datadas de 40.000 a.C. e mostram animais extintos e pessoas em forma de gravetos, representando os espíritos que ensinaram os seres humanos a caçar e a pintar (FARTHING, 1950, p.16). Outros registros artísticos, que correspondem aproximadamente 30.000 AC foram encontrados nas cavernas de Niaux, Font-de-Gaume e Lascaux, na França, e na Altamira, na Espanha.

Estudos indicam que essas pinturas eram escavadas na pedra e preenchidas com tintas, as quais eram criadas, triturando rochas e plantas. Heslewood (1993, p. 4) explica que “as tintas eram moídas até virarem pó, sendo guardadas em ossos ocos tampados em uma das extremidades e para torná-la líquida, usava-se gordura e sangue de animais”. A tinta era colocada nas paredes com um pincel de folhas, galhos, chumaços de pelo ou musgos e também os dedos.

No avançar do tempo, o ser humano passa a criar armas e utensílios com a pedra polida, produz o fogo através do atrito, fabrica a cerâmica, dá início ao trabalho com metais, desenvolve a agricultura, a domesticação de animais e constrói as primeiras moradias, conforme explica Proença:

Todas essas conquistas técnicas tiveram um forte reflexo na arte. O homem, que se tornara um camponês, não precisava mais ter os sentidos apurados do caçador do Paleolítico e o seu poder de observação foi substituído pela abstração e racionalização. [...] Em lugar de representações que imitam fielmente a natureza, vamos encontrar sinais e figuras que mais sugerem do que reproduzem os seres. Esta é a primeira grande transformação na história da arte (PROENÇA, 2002, p. 13).

5. O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Os processos de criação interligam-se intimamente com nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula pela sensibilidade e todo ser humano nasce com um potencial sensível e grande parte desta, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente (OSTROWER, 1977, p. 3).

A medida que penetramos profundamente nas camadas do inconsciente, afirma Grinberg (2017, p. 238), mais próximos do inconsciente coletivo estaremos. Abre-se então um mundo interior repleto de imagens que brotam da memória herdadas da vida dos nossos ancestrais, suas experiências e emoções. Essas imagens exigem ser moldadas individualmente.

Entretanto, elas se opõem a mente consciente, não sendo traduzidas para o

nosso mundo, necessitando de uma mediação que permita fazer a ponte entre consciência e inconsciente, unindo seus conteúdos. Jung chamou esse fenômeno da psique de função transcendente. Essa função não acontece aleatoriamente, sem propósito, sem objetivo, explica Grinberg (2017, p. 240). Leva a revelação da essência de cada um, produzindo uma compreensão por meio da experiência.

O homem é dotado da capacidade de criar coisas novas, da mesma forma como a natureza consegue produzir novas formas (JUNG, OC. vol 8/2, § 245).

Se os dons criadores prevalecem, prevalece o inconsciente como força plasmadora de vida e destino, diante da vontade consciente; neste caso, a consciência será muitas vezes arrastada pela força impetuosa da torrente subterrânea, tal como uma testemunha desamparada dos acontecimentos. (JUNG, OC. vol. 15, § 67)

A consciência, diz Grinberg (2017, p. 243), com seus meios de expressão, coloca-se a disposição do inconsciente, e este, então fala.

Enquanto a consciência observa, partindo sem direcionar, cooperando, mas sem selecionar ou avaliar, o inconsciente pode expressar o que quiser, à sua maneira. Dependendo da pessoa, o material inconsciente poderá surgir por meio dos mais variados canais de linguagens: imagens que mudam rapidamente, assumindo formas míticas em uma poesia, escultura ou dança.

Carneiro (2016, p. 57) comenta “quando Carl G. Jung, no início do séc. XX, percebeu a força libertadora da arte, passou a pedir que seus clientes desenhasssem ou pintassem livremente seus conflitos, sonhos e sentimentos.”

Grinberg (2017, p. 258) diz que Jung considerava que toda criação do espírito humano tem suas raízes no inconsciente coletivo, com suas incontáveis estruturas. Nise da Silveira, referindo-se a Jung, afirmou:

No mistério do ato criador, o artista mergulha até as funduras imensas do inconsciente, dando forma e traduzindo na linguagem própria de seu tempo às instituições primordiais em formas com qualidades artísticas e, assim, tornando acessíveis a

todas as fontes profundas da vida.[...] O processo criador consiste em uma ativação do arquétipo, em seu desenvolvimento e sua tomada de forma até a realização da obra perfeita (SILVEIRA, apud GRINBERG - 2017, p. 261).

Para Jung, (1991, § 134) “em condições normais, ou seja, adaptativas, de funcionamento psíquico, a fronteira consciência-inconsciente é permeável, permitindo o fluxo de ideias e afetos entre os dois campos psíquicos.”

Podemos dizer que essa permeabilidade é condição mesma da saúde psíquica. Quando a aproximação desses campos é bem-sucedida, nasce uma significativa obra de arte. O poeta, ou seja, aquele que se encontra no exercício da função poética do eu é mestre nessas aproximações. Seu eu deseja e necessita essa aproximação (JUNG, 1991, § 134).

Por isso, entendemos o consenso universal de artistas ao dizerem que criar é uma necessidade permanente. Quando não o conseguem, devido a alguma circunstância estagnante, alguns até adoecem. E podemos replicar a afirmação para os demais seres humanos: quando a progressão da energia psíquica associada à criatividade é estagnada, sobrevém a doença.

Se ansiamos pela energia criadora, ou temos problemas para alcançar os aspectos férteis, imaginativos, formadores de idéias; esperando o tempo ideal para criar, o complexo pode estar constelado e o impulso criativo é abafado. Um dos maiores problemas do complexo criativo está nas justificativas que o indivíduo alega de não estar criando alguma coisa, por achar que não irá dar certo ou até mesmo porque precisa encontrar lógica na sua criação. Portanto, está fadado ao fracasso (ESTES, 2018, p. 224).

Conforme Jung (O.C. 8/2 § 200) “o complexo é um fator psíquico que, em termos de energia, possui um valor que supera, às vezes, o de nossas intenções conscientes; do contrário, tais rupturas da ordem consciente não seriam de todo possíveis”. É

carregado de energia psíquica autônoma, que ocupa o lugar do ego. Funciona como várias pessoas dentro de nós, dá um jeito de se comunicar, de se manifestar. Ele precisa ser integrado. O complexo autônomo toma de assalto a psique.

Os complexos ou se impõem à consciência, rompendo sua influência inibidora, ou escapam súbita e obstinadamente à sua intenção de forçá-los à reprodução. Os complexos têm um caráter não só obsedante, mas também muitas vezes absolutamente possessivo, comportando-se, portanto, como duendes e gerando todos os tipos de lapsos, falhas de memória e julgamento, que podem ser irritantes, ridículos e traiçoeiros. Eles frustram a capacidade de adaptação da consciência [...] os complexos devem sua relativa autonomia à sua natureza emocional; suas manifestações repousam numa rede de associações que se acumulam em torno de um centro carregado de afetos [...] eles se baseiam em princípios igualmente típicos, isto é, em disposições emocionais ou instintos. Estes se manifestam em fantasias, atitudes e ações irrefletidas, involuntárias, que, por um lado, se relacionam entre si em conformidade interna e, por outro, são idênticas às reações instintivas específicas do homo sapiens., numinosas (JACOBI, 2017, p. 10).

Os complexos são fragmentos psíquicos cuja divisão se deve a influências traumáticas ou a tendências incompatíveis. Eles interferem na intenção da vontade e perturbam o desempenho da consciência; produzem perturbações na memória e bloqueios no processo das associações; aparecem e desaparecem de acordo com as próprias leis; obsediam temporariamente a consciência ou influenciam a fala e ação de maneira inconsciente. Em resumo, comportam-se como organismos independentes, fato particularmente manifesto em estados anormais (JUNG, OC. vol. 8/2, § 253).

A Psicologia Analítica, segundo Jung (OC. vol. 8/2, § 739) procura justamente romper estas muralhas, ao desencavar de novo as imagens fantasiosas do inconsciente que a nossa mente racionalista havia rejeitado.

Estas imagens situam-se para além das muralhas; fazem parte da natureza que há em nós e que aparentemente jaz sepultada em nosso passado, e contra a qual nos entrincheiramos por trás dos muros da razão.

É uma reação contra uma racionalização exagerada da consciência que, na preocupação de produzir processos orientados, se isola da natureza e, assim, priva o homem de sua história natural e o transpõe para um presente limitado racionalmente que consiste em um curto espaço de tempo situado entre o nascimento e a morte.

Esta limitação gera no indivíduo o sentimento de que é uma criatura aleatória e sem sentido, e esta sensação nos impede de viver a vida com aquela intensidade que ela exige para poder ser vivida em plenitude. A vida se torna então insípida e já não representa o homem em sua totalidade. É por isto que tantas vidas não vividas caem sob o domínio do inconsciente. Os indivíduos vivem como se caminhassem com sapatos muito apertados. A qualidade de eternidade, que é tão característica da vida do primitivo, falta inteiramente em nossas vidas. Vivemos protegidos por nossas muralhas racionalistas contra a eternidade da natureza (JUNG, OC. vol. 8/2, § 739).

O processo criativo para Jung (OC. vol.15, § 52) “consiste numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada.” A formação da imagem primordial, de certo modo, é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. Sendo aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem enquanto espírito da época, para se conectar com o processo criativo, necessita de um momento em particular consigo mesmo. É justamente o silêncio e o espaço físico para criar que proporciona a fluidez da intuição, favorecendo assim o desprendimento da energia psíquica.

O processo criativo auxilia o ser humano em diversos fatores: canaliza a ansiedade, propicia a tranquilidade, aguça as percepções, contribui para a alteração de padrão do pensamento, oportuniza o desligamento das preocupações, entre outros. Todo esse conjunto modificando, desta forma, a vibração do sujeito e oportunizando assim o seu bem estar e resgatando sua qualidade de vida .

A Psicologia Analítica pode ajudar o indivíduo a acessar o seu universo interior por meio da sua expressão criativa, acionando concomitantemente o mundo exterior, estimulando dessa forma o autoconhecimento.

Essa manifestação criativa facilitará a energia psíquica ser liberada por meio de imagens arquetípicas, favorecendo aos poucos, o diálogo entre o consciente e o inconsciente, possibilitando a canalização de emoções que estavam guardadas na memória. Por meio desse diálogo o processo de individuação é estimulado.

Diante do exposto reitera-se a importância do homem da época saber escutar a sua alma, a sua verdadeira essência: o si-mesmo. Só assim ele poderá viver bem e feliz consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

BIBLIA CATÓLICA ONLINE- DISPONÍVEL
<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/1/>

CAMPBELL, Joseph. **Mitos, sonhos e religião – nas artes, na filosofia e na vida contemporânea**, Rio de Janeiro, Ediouro, 2001, PDF.

CARNEIRO, Celeste. **Arteterapia Transpessoal como um Suporte para a Expansão da Consciência Arteterapia Transpessoal como Apoyo para la Expansión de la Consciencia**. CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal Salvador de Bahía, 2016, Brasil disponível:

<https://artezem.org/wp-content/uploads/2021/08/set-17-publicadorna-Espanha-Jornal-Transpessoal.pdf>

CHEVALIER E GHEERBRAND. **Dicionário dos símbolos**, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2019.

DICIONÁRIO online de Português. Disponível >
<https://www.dicio.com.br/criatividade/Acesso>
 em: 25 fev. 2023.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre Arte – Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos**, Rio de Janeiro, RJ, Sextante, 2011.

GRINBERG, Luis Paulo. – **Jung: o homem criativo**, São Paulo, Blucher, 2017.

HESLEWOOD, Julie. **História da Pintura Ocidental – um guia para jovens**. Rio Janeiro-RJ, Salamandra Consultoria Editorial S.A, 1993.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung**, Petrópolis, RJ, Vozes, 2017.

JUNG, C. Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**, Editora Nova Fronteira, 1986.

JUNG, C. Gustav. **A Natureza da Psique**. OC. vol.8/2, Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

JUNG, C. Gustav. **O Espírito na arte e na Ciência**, OC. vol. 15, Petrópolis, RJ Vozes, 1970.

JUNG, C. Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2019.

KAST, Verena. **Espaço da imaginação como espaço da liberdade – Diálogos entre ego e o inconsciente**, Loyola, São Paulo, SP, 1997.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 9 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1993.

PROENÇA. Graça. **História da Arte**. São Paulo, SP, Editora Atica, 2002.

SANFORD, A. Jonh. **Os parceiros Invisíveis: O masculino e o feminino dentro de cada um de nós**. São Paulo, Paulus, 1987.

STEIN, Murray. **Jung o mapa da alma, uma introdução**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TOMMASI E SOARES. **O Herói nos Mitos Gregos: em Arteterapia e Educação**. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2015. Petrópolis, Vozes, 2014



2 – O POEMA COMO OBJETO DE SENSIBILIDADE E SIGNO DE RESISTÊNCIA DO POETA

Augusta Lorena Santana Gonçalves*

RESUMO

O presente ensaio acadêmico tem por objetivo trazer uma análise acerca do poema como objeto de sensibilidade e signo de resistência do poeta. Para tanto parte-se de uma contextualização sobre a linguagem e a poesia a partir do pensamento de teóricos e escritores sobre a temática. Em seguida, apresenta-se o movimento concretista no Brasil e o poema-objeto, que elimina o verso tradicional e apela para o nível não verbal da comunicação. Posteriormente, aborda-se a singularidade poética do norte-americano Edward Estling Cummings, um dos autores que está na base do concretismo e cuja percepção, ousadia e liberdade criativa favorecem a germinação de um trabalho original.

Palavras-chave: poema-objeto; sensibilidade; resistência.

1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio acadêmico tem o intuito de analisar o poema como objeto de sensibilidade e signo de resistência do poeta. A importância de se discutir esse assunto vem apoiada nos seguintes fundamentos abaixo explorados.

Conforme expresso em Campos, Pignatari, Campos (1975) a linguagem discursiva, fundada na lógica, é baseada em uma soma de normas artificiais aceitas e expressas verbalmente acerca de um trabalho específico. Ainda que boa parte de nossos pensamentos e comunicações dependam do não-verbal assim como do verbal, a lógica não leva em consideração o aspecto analógico da comunicação.

Campos, A. (2015) assinala que a poesia de vanguarda é aquela que se destina a fornecer um mínimo de redundância informativa e um máximo de informação original, imprevista e inqualificável, não se

encaixando nos cânones classificatórios do estudo crítico e histórico literário.

Ademais, de acordo com Campos, Pignatari, Campos (1975), a poesia concreta, sendo um movimento de vanguarda, rejeita as regras lógico-discursivas e é receptiva às sugestões do método ideogramático, por meio de qual os chineses compõem sua escrita de figuras abreviadas. Dessa forma, o poema concreto inclui as vantagens da comunicação não-verbal, sem excluir a palavra como seu instrumento.

Atik (1994) faz referência a demonstração de Fenollosa sobre o processo ideogramático, que não é composto apenas por símbolos atuando no nível sonoro, mas por símbolos que, na sua arbitrariedade, se juntam de forma direta e objetiva à realidade, constituindo-se num vivo e resumido desenho da operação natural.

* **Augusta Lorena Santana Gonçalves** – Especialista em Roteiros e Programas Audiovisuais pela Unijorge. Especialista em Arteterapia Junguiana pelo Instituto Junguiano da Bahia. Autora do Livro “8 Vozes Instintivas” Poemas Ilustrados. 1ª edição – Salvador, BA. Edição da Autora, 2023. Ingressou, como aluna especial, no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA em 2023.

O ideograma traz a linguagem para junto das coisas, uma vez que procura representá-la concretamente, numa dada posição, relação ou situação, sem contudo deixar que percam a dinamicidade que lhes é inerente. Portanto o ideograma configura, através de símbolos abreviados, o movimento que há nas coisas ou as coisas em movimento. (ATIK, 1994, p. 61)

Ao refletir sobre a ousadia e originalidade poética de E. E. Cummings, um dos grandes autores da poesia moderna norte-americana, Melo (2006, p. 65) ressalta que “no seu ofício de poeta, E. E. Cummings leva o ideograma e a simultaneidade à miniatura. O poeta libera o vocábulo de sua grafia, coloca em evidência seus elementos formais, visuais e fonéticos para melhor acionar a sua dinâmica”.

De acordo com Melo (2006), o ponto de partida para a compreensão da poesia de E. E. Cummings, são o aspecto visual, a estrutura gráfico-espacial das composições que faz uso da afixação e montagem de palavras, de número de letras e linhas, do deslocamento sintático, e da microrritmia, elementos que abrem o caminho para a precisão que cria o movimento. O poeta atua diretamente sobre a palavra, decompondo-a, tornando o poema um objeto sensível, praticamente tangível.

É fundamental a reflexão sobre os interessantes pontos a serem explorados na temática do presente ensaio, pois estes demonstram como os variados aspectos que compõem as propostas visualizantes na poesia tocam por todos os lados a percepção do leitor, se este se dispuser ser tocado pelo poema-objeto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UMA REFLEXÃO SOBRE LINGUAGEM E POESIA

Dentro do contexto da linguagem e poesia, considero fundamental mencionar o estudo de Roman Jakobson acerca das funções da linguagem, cujo principal objetivo era definir o lugar da função poética em relação às demais funções da linguagem.

Na função poética da linguagem o sentido da mensagem é mais aberto à interpretação. O emissor compõe seu texto de forma especial, com a seleção e combinação de

palavras, ideias e imagens, de sons e ritmos, para assegurar maior impacto estético, utilizando por exemplo as figuras de linguagem ou de estilo. Conforme afirma Jakobson (1974, p. 174): “O pendor (Einstellung) para a mensagem como tal, o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função poética da linguagem”.

Levando em conta o desgaste do significado original das palavras ao longo do tempo, considero relevante trazer as reflexões de Judith Grossmann sobre a essência da linguagem e a essência da poesia. Grossmann (2021, p. 77) compreende que “a poesia é a energia ancestral e arcaica que, permanentemente, alimenta o nascimento da linguagem”. A autora remarca a importância da possibilidade de recuperação de significados jacentes no reservatório linguístico por meio da linguagem literária:

Tendo origem num ato de presciência, movida por raciocínio de antecipação, a linguagem literária é antecipação da linguagem, criação da linguagem, bem como atualização de todas as suas possibilidades que jazem soterradas, a restituição do significado concreto original que possuíam as palavras e que foi desgastado pela evolução linguística. (GROSSMANN, 2021, p.89)

Ainda nesse contexto, Décio Pignatari também reflete acerca da relação entre o poema e a linguagem:

O poema é um ser de linguagem. O poeta faz linguagem, fazendo poema. Está sempre criando e recriando a linguagem. (...) É por isso que um poema parece falar de tudo e de nada, ao mesmo tempo. É por isso que um (bom) poema não se esgota: ele cria modelos de sensibilidade. É por isso que um poema, sendo um ser concreto de linguagem, parece o mais abstrato dos seres. (PIGNATARI, 1993, p. 11)

E quem é o poeta? Em seus ensaios sobre criação, escrita, artes e livros, Agamben (2018) traz a imagem do vórtice, no seu desdobramento, que chega ao sujeito e ao nome, pois o poeta passa a ser visto como um vórtice no fluxo do ser, e o nome considerado um vórtice que perfura e interrompe o fluxo semântico da linguagem.

O poeta é, então, aquele apresenta as palavras como vórtices no devir da língua após imergir nesse redemoinho.

O poeta é aquele que imerge nesse vórtice em que tudo para ele se torna de novo nome. Ele precisa retomar, uma por uma, as palavras significantes do fluxo do discurso e jogá-las no turbilhão, para reencontrá-las no vulgar ilustre do poema como nomes. Estes últimos são algo que alcançamos – se é que alcançamos – só no final da descida ao vórtice da origem. (AGAMBEN, 2018, p. 65)

A imaginação do poeta está intrinsecamente ligada ao ato de nomear. Portanto, vale aqui destacar o pensamento de Campos (1999) *apud* Melo (2006) sobre o discurso convencional, que é funcional para a comunicação cotidiana, mas pode se mostrar insuficiente e limitador para a imaginação do poeta. Conforme ressalta Avens (1993), a imaginação é misteriosamente hábil em enxergar o lado interior das coisas e de nos assegurar de que, em nossa experiência do mundo, há muito mais do que pensamos.

Quando se diz com frequência que a imaginação é criativa, isto deveria significar que ela estabelece uma espécie peculiar de relação entre a matéria e o espírito - uma relação na qual nem a matéria nem o espírito são obliterados, mas sim unidos, fundidos em um novo todo que produz, eternamente novos todos, novas configurações de imagens na arte, poesia, religião e ciência. (AVENS, 1993, p. 36)

Refletindo acerca da imaginação como fonte para a criatividade artística, considero a temática da resistência do poeta como fundamental para liberdade imprescindível ao ato da criação poética, conforme acentua Agamben:

A resistência do poeta, portanto, consiste em desativar o significado convencional do nome, abrindo dentro do turbilhão a possibilidade de um novo uso. A forma como o poeta se coloca diante da língua, conferindo-lhe novas aberturas, se contrapõe ao que é realizado nos discursos dos especialistas, sempre mais difusos, que falam em nome do

mercado, da crise, das instituições, do partido, sem porém ter realmente algo a dizer. (AGAMBEN, 2018, p.15)

Levando em conta que a linguagem poética situa-se fora da ordem do discurso, trago o exemplo do poema de Manoel de Barros que integra a primeira parte, “Uma didática da invenção” de *O livro das ignorâncias* (BARROS, 2016, p. 17):

VII

No decorrer era o verbo
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo,
lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos -
O verbo tem que pegar delírios.

Segundo Pereira (2022), a tendência do poeta Manoel de Barros à liberdade e brincadeira com as palavras são traços típicos de quem deseja sair da ordem do discurso e pertencer a uma singularidade, que pode ser compreendida como a linguagem por ela mesma, provocando efeitos de sentido próprios.

Ademais, de acordo com Guimarães (2007), se um poema convencional já não comunica o mesmo que a linguagem discursiva linear e denotativa, no caso das propostas visualizantes na poesia, muito mais atenção é requerida, porque todos os detalhes são significantes na relação entre os signos verbais e icônicos, como pode-se observar a seguir.

2.2 A PALAVRA COMO MATERIAL DE COMPOSIÇÃO NA POESIA CONCRETA BRASILEIRA

A poesia concreta começou a ser desenvolvida no Brasil pelos poetas paulistanos Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos e foi oficializada em 1956, com a realização, no

Museu de Arte Moderna de São Paulo, da Exposição Nacional de Arte Concreta.

O concretismo objetivava principalmente a composição do poema-objeto, em que o verso tradicional é abolido, a favor de uma construção que explora os recursos sonoros, visuais, semânticos, e sobretudo o espaço tipográfico e a disposição geométrica dos vocábulos na página. Conforme afirma Campos, Pignatari, Campos (1975, p. 81), “o poema concreto considerando a palavra como objeto, realiza a proeza de trazer, para o domínio da comunicação poética, as virtualidades da comunicação não verbal, sem abdicar de quaisquer das peculiaridades da palavra”.

O poema concreto, entre suas virtudes, possui desde logo a de efetuar uma comunicação rápida. Comunicação essa de formas, de estruturas, não de conteúdos verbais. Realmente, apoiado, verbivocovisualmente em elementos que se integram numa consonância estrutural, o poema concreto agride imediatamente, por todos os lados, o campo perceptivo do leitor, que nele busque o que nele existe: um conteúdo estrutura. (CAMPOS, PIGNATARI, CAMPOS, 1975, p. 81)

Ainda segundo Campos, Pignatari, Campos (1975, p. 84) “o apelo para o nível não verbal da comunicação torna a mente extremamente sensível à palavra coisa e a previne contra as ‘distorções de significação’ geradas pela manipulação abstratizante, desterrada da realidade, dos símbolos verbais”, já que a lógica tradicional e o automatismo psíquico são repelidos pela poesia concreta.

A seguir, apresentam-se algumas das observações propostas por Guimarães (2007) em uma possível leitura do Poema “Terra” de Décio Pignatari escrito em 1956:

**ra terra ter
rat erra ter
rate rra ter
rater ra ter
raterr a ter
raterra terr
araterra ter
raraterra te
rraraterra t
erraraterra
t erraraterra**

No poema “Terra”, de Décio Pignatari, o que se vê, primeiramente, é uma forma

retangular verticalizada, dividida em quatro partes desiguais e preenchidas por grupos gráficos de maneira não uniforme. Ainda conforme observa a autora, a parte esquerda, muito maior do que as outras, forma um triângulo com o vértice voltado para cima. O fragmento central, por sua vez, forma outro triângulo, com o vértice invertido. À direita, o verbo *ter* compõe novo retângulo. Abaixo, à direita, um novo triângulo invertido. Entre essas formas surgem sulcos brancos que remetem à ideia de sulcos numa terra arada. Logo na segunda linha, ao centro, o vocábulo “erra” introduz a ideia erro no processo. O pedaço de terra estaria mal dividido, pois suas partes não são iguais.

De acordo com Campos, H. (1987, p. 79) *apud* Melo (2007, p. 43), neste poema, “a palavra ‘terra’ é o núcleo gerador do conjunto relacional da obra que permite a aparição de elementos temáticos que se originam desse núcleo”: terra erra ara terra ara terra / erra terra ara terra rara terra.

O poema gerando-se a si, próprio, o erro ativo – errar – arar – como uma terra que se autolavra (terra ara terra), uma rara terra, e no entanto uma operação tão terra a terra, tão elementar, tão característica da condição humana factiva como o ato do lavrador que roteia um campo. (CAMPOS, H. 1977, p. 80-81 *apud* MELO, 2007, p. 43)

Conforme Campos, A. (1987, p.40) *apud* Melo (2007, p. 39), “os poemas concretos caracterizam-se-iam por uma ‘estrutura ótico-sonora irreversível e funcional’, (...) de palavras dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema”.

Melo (2007) ainda lembra que, por ser um movimento com proposta vanguardista para a literatura não apenas no Brasil, mas também internacionalmente, o concretismo brasileiro tem nos poetas Mallarmé, Ezra Pound, Joyce e E. E. Cummings, equivalentes imediatos, já que os concretistas brasileiros, assim como os primeiros, incluem a espacialização no processo criativo da obra.

Pela expressividade incomum, será abordada a poética do autor E. E. Cummings, um dos poetas que seguia a tradição da poesia visual moderna.

2.3 A POÉTICA DE EDWARD ESTLING CUMMINGS

Um dos poetas que está na base do movimento concreto é o autor norte-americano Edward Estling Cummings, o qual, segundo Müller e Domingues (2005), explorou a sua habilidade de desenhista utilizando a máquina de escrever para criar uma nova poesia, com base no que já havia sido proposto paralelamente, na tipografia de Mallarmé, na pesquisa com o ideograma chinês feita por Ezra Pound, e na associação tipográfica pictural de Apollinaire, tendo o cubismo como inspiração.

Segundo Campos, A. (1994), o objetivo de Cummings é revitalizar a linguagem e flexibilizar o complexo universo da percepção e da sensibilidade, além do que permitido pelas estruturas convencionais.

A área principal de atrito de Cummings com a crítica se localiza no seu uso não-ortodoxo da tipografia, as suas famosas ou famigeradas fragmentações de palavras. Mas tais desconstruções gráficas são só aparentemente desorganizadas e, no fundo, construtivistas ou reconstrutivistas, pois têm finalidades ao mesmo tempo semânticas (buscando, por meio de associações icônicas, reconstituir a experiência sensorial ou imaginativa e multiplicar os níveis de leitura) e estruturais (relativas à divisão estrófica do poema. (CAMPOS, A, 1994, p. 1)

Melo (2007) ressalta a contribuição de Cummings ao buscar a transição do meio verbal para o não verbal, por meio de associação icônicas:

É por isso que ele introjeta num idioma moderno ocidental, como o inglês, procedimentos derivados do ideograma chinês (a figuralidade de origem pictográfica e o pensamento por analogia) e de línguas clássicas como o grego ou o latim, tratando seu idioma como se fosse uma língua flexionada. (CAMPOS, 1999, p. 14 apud MELO, 2007, p.71)

A seguir, apresenta-se uma análise do poema-minuto “l (a)” (1958) de E. E. Cummings proposta por Melo (2007), tendo este utilizado, como base para a sua leitura,

a semiótica idealizada e concebida por Charles Sanders Peirce e sua aplicação.

O poema-minuto “l(a)” (1958) foi publicado por E. E Cummings em seu último livro de poemas em vida, intitulado *95 poems*:

l(a
le
af
fa
ll
s)
one
l
iness

Segundo o autor, o uso que Pignatari fez para a Semiótica Peirciana pode ser aplicável ao poema de E.E.Cummings:

Serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra. Serve para ler o mundo não-verbal: [...] um quadro, [...] uma dança, [...] um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não-verbal. [...] quem não compreende o mundo icônico e indicial, não compreende corretamente o mundo verbal, [...] não compreende poesia e arte” (PIGNATARI 1987, p. 17 apud MELO 2007, p. 64).

Neste poema, percebo uma forma visual que evoca um segredo a ser decifrado e considero admirável a precisão com a qual o poeta o construiu. Na sua simplicidade e delicadeza, o poema desperta curiosidade para que seu significado seja revelado em cada linha e cada letra.

A construção “l(a leaf falls) oneliness” fragmenta dois elementos que compõem a palavra, pela inserção de um termo intermediário e, ao ser desmontada, permite a seguinte leitura: (a leaf falls) loneliness.

Melo (2007) assinala que, com apenas uma frase e uma palavra, o leitor se depara com uma imagem consistente de solidão em uma composição ideogramática da folha que cai. A frase contida pelos parêntesis e a palavra que compõe esta obra têm o mesmo número de letras, mostrando a precisão constante no poema:

loneliness
aleaffalls

Segundo o autor, para alcançar este efeito, o poeta explora a curta dimensão de cada uma das linhas, empregando um, dois ou três sinais gráficos, exceto na última linha que é composta de cinco letras. Cummings explora também a aparência das letras “f” e “l”; o aspecto icônico-fisiognômico dos parênteses “(“ e “)”; a ambiguidade do signo tipográfico “l” que tanto pode corresponder à letra “l” como ao numeral “1”, na fonte times new roman.

A partir do contato com o poema-minuto, pode-se notar como o poeta norte-americano é hábil em trabalhar com quebras de frases, de palavras e de fonemas, destacando as letras, a disposição das letras e palavras de um modo singular nessa montagem plena de sentido.

Por meio da estrutura frásico-semântica do poema, outros efeitos são criados pelo poeta, como demonstra Melo (2007):

A queda da folha.

l(a

le

af

fa

Os vocábulos das quatro primeiras linhas compõem-se inteiramente de apenas uma consoante e uma vogal e tal configuração insinua por meio das alternâncias consoante e vogal, a queda flutuante da folha.

Ainda conforme explica o autor, o movimento de queda também é representado pelo surgimento isolado da letra “l” em quatro versos deste poema. Em um momento, a queda é interrompida com o aparecimento de um duplo “l” no quinto verso, o qual iconiza uma quantidade de tempo maior em um determinado ponto durante a queda, onde há uma fusão de espaço e tempo para se criar a pausa na queda da folha.

Ressalto a importância de observarmos como E. E. Cummings apresenta seus versos sem vincular-se a nenhuma convencionalidade da escrita poética. Assim, ao utilizar um arranjo não usual de palavras, que serve como o material necessário às suas possibilidades criativas, o poeta propicia ao leitor a percepção de novos aspectos, por meio dos inusitados efeitos provocados, na curta extensão de cada uma das linhas.

O movimento giratório

Levando em consideração o aspecto icônico do movimento giratório da folha nos terceiro e quarto versos:

af

fa

Melo (2007) comenta que, em uma leitura linear tem-se “af fa”, onde “af” é uma composição invertida de “fa” no verso seguinte. O movimento giratório e de inversão iniciado no terceiro verso e seguindo até o quarto iconiza a folha caindo em um rodópio criado por esta inversão das letras.

O efeito “balanço”

O próximo efeito icônico assinalado é obtido por meio do uso dos parênteses que aparecem na primeira e na sexta linha do poema:

l(a

s)

Os sinais de pontuação utilizados criam uma analogia com a queda da folha em um efeito de balanço horizontal, considerando que ambos têm suas superfícies côncavas apontadas para lados opostos horizontalmente.

O isolamento e a solidão

O autor ainda destaca que o poeta cria a ideia de isolamento no nível semântico, ao desmembrar a palavra “loneliness” que é projetada nos versos de número um, sete, oito e nove:

1º: l

7º: one

8º: l

9º: iness

A fragmentação da palavra solidão é especialmente significativa, pois destaca o fato de que essa palavra contém a palavra “one”, que é reforçada pela ambivalência do signo tipográfico “l” constante da linha

seguinte e da ambivalência da letra “l”, conforme acentua Melo:

Por meio do hábil recorte desta palavra, o poeta consegue extrair alguns níveis de significado. Ele conseguiu isolar a letra “l”, que pelo uso ambíguo em uma máquina de escrever tanto representa a própria letra quanto o número “1”. No sétimo verso a microestrutura do poema faz aparecer a palavra “one” que é a única deste verso. (MELO, 2007, p. 102)

Pode-se contemplar a poesia de E.E. Cummings como um modelo de sensibilidade, o que considero estar de acordo com o pensamento de Kast (1997), a respeito do texto literário permitir que as imagens descritas sejam experimentadas por todos os nossos sentidos. Ao retratarem o fluxo de fantasias do próprio autor, as imagens servem de estímulo para o fluxo de fantasias do leitor. A autora afirma que, caso as imagens expressas pela literatura não despertem imagens nos leitores, tem-se a impressão de que o texto não nos toca. Ele pode induzir-nos a uma reflexão, mas não tem a capacidade nos revitalizar emocionalmente.

Diante da expansão criativa de Cummings, pode-se imaginar que ele estava totalmente absorvido naquela experiência da natureza e podia ver as coisas com precisão. Conforme assinala Nachmanovitch (1993), quando a mente e os sentidos ficam absorvidos em uma experiência, é como se nada mais existisse. Tal experiência acontece normalmente quando o olho ou o ouvido fica atraído por algo como uma árvore, uma rocha, alguém belo, o reflexo do sol nas folhas, o som de um instrumento. O ser e o ambiente ficam unidos, há uma fusão entre atenção e intuição. Podemos ver as coisas com precisão.

Nachmanovitch (1993) considera que esse vivo e vigoroso estado mental é mais promissor para que um trabalho original germine, pois tem suas raízes na diversão infantil e floresce numa expansão criativa.

Em síntese, o poema-minuto “l(a)” do autor norte-americano E. E. Cummings apresenta-se como um modelo de sensibilidade e signo de resistência do poeta.

A poesia de Cummings é um signo de resistência; uma fonte criativa e

criadora, que irradia num sentido contrário ao sistema lógico e discursivo da sintaxe, ao convencionalismo usual saturado da metáfora e aos modelos gráficos e ortográficos da palavra escrita. Em seus poemas mais inovadores, o verso também é atomizado em sílabas e rejeitado como viga fundamental da poesia. Sua poesia é dotada de um caráter positivo, por seu humanismo irreduzível e libertário, por ser destinada ao deleite da inteligência, por sua liberdade criadora e sua vivacidade. (MÜLLER e DOMIGUES, p. 9).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio acadêmico teve como objetivo trazer considerações acerca do poema como objeto de sensibilidade e signo de resistência do poeta, propiciando reflexão acerca da singularidade poética do norte americano E. E. Cummings.

A temática explorada mostrou que o poeta revitaliza a linguagem quando cria poemas que se tornam modelos de sensibilidade. Para tanto, a imaginação criativa do poeta deve estar liberada dos limites da linguagem discursiva, fundada na lógica. Dessa forma, a resistência do poeta, na forma como ele se coloca diante da língua, confere-lhe novas e aberturas e possibilidades de uso.

Ademais, foi destacada a proposta visualizante da poesia concreta, que apela para o nível não verbal da comunicação. Além de não comunicar o mesmo que a linguagem discursiva linear e denotativa, o poema-objeto repele o automatismo psíquico, demandando muito mais atenção a todos os seus detalhes que são significantes numa construção que explora recursos sonoros, visuais, semânticos e principalmente o espaço tipográfico e a disposição geométrica dos vocábulos na página.

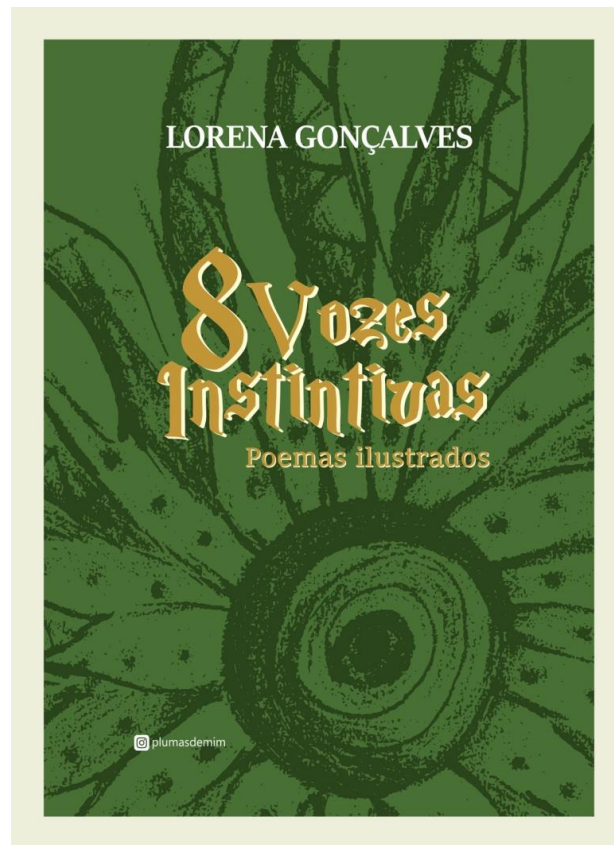
Neste ensaio, foi contemplada a ousadia e a expressividade incomum do autor norte-americano Edward Estling Cummings, um dos poetas que está na base do movimento concreto. Por meio da originalidade com que explora os recursos da tipografia e do ideograma em seus poemas, Cummings revitaliza a linguagem e flexibiliza o complexo universo da percepção e da sensibilidade, além do que permitido pelas estruturas convencionais.

Em síntese, pode-se destacar o poema-minuto “l(a)” de E. E. Cummings como objeto de sensibilidade e signo de resistência do poeta, que, ao desativar o significado convencional do nome, se abre para tocar, por todos os lados, a percepção do leitor.

Diante das considerações realizadas sobre a temática, conclui-se que Cummings, no seu ato criativo, explorou a consciência que ele possuía da maneira como as coisas se associavam com a natureza, pois ele mesmo estava absorvido naquela experiência ao criar o seu poema, vendo as coisas com precisão. Ademais, a sua relação com a linguagem se estabeleceu a fim de favorecer a germinação de um trabalho original, pelo seu espírito liberto na vivacidade, atento e receptivo à inspiração, sem os limites impostos pela lógica discursiva.

4. REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O Fogo e o relato. Ensaio sobre criação, escrita, arte e livros.** Boitempo, 2018.
- ATIK, Maria Luiza Guarnieri. **O ideograma e a poesia.** Magma n. 2. P. 60 – 65, 1995.
- AVENS, Robert. **Imaginação é realidade. O nirvana ocidental em Jung, Hillmann, Barfield e Cassirer.** Vozes, Petrópolis, 1993.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças.** Rio de Janeiro, Alfaguara, 2016.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da Poesia Concreta, Textos Críticos e Manifestos.** Livraria duas cidades, 1975.
- CAMPOS, Augusto de. **Cummings Centenário, Especial para a Folha,** São Paulo, 1994.
- CAMPOS, Augusto de **Poesia, Antipoesia, antropofagia & Cia.** São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- GROSSMAN, Judith. **Guerra e Paz do discurso literário.** Antonia Torreão Herrera, Henrique Júlio Vieira, Organizadores. Salvador: Edufba, 2021.
- GUIMARÃES, Denise. **Uma possível leitura do poema TERRA, de Décio Pignatari.** Interin, vol. 3, núm. 1, 2007, pp. 1-12. Universidade Tuiuti do Paraná.
- JAKOBSON, Roman, **Linguística e Comunicação.** São Paulo, Cultrix, 1974.
- KAST, Verena. **A imaginação como espaço de liberdade.** Diálogos entre o ego e o inconsciente. Edições Loyola, São Paulo, 1997.
- MELO, Ronilson Ferreira de. **A gesticulação semiótica de E. E. cummings na tradução de Augusto de Campos;** Universidade Estadual do Ceará, 2006.
- MÜLLER, Adalberto e DOMINGUES, Mário. **O olho da letra: E. E Cummings, o caligrama, a máquina de escrever e o cinema (ECA/USP, 2005).**
- NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser Criativo, o poder da improvisação na vida e na Arte.** São Paulo, Summus, 1993.
- PEREIRA, Anísio Batista. **A Criação Poética como prática de liberdade: Uma reflexão sobre a obra de Manoel de Barros.** Revista Saridh (Linguagem e Discurso) ISSN: 2674-6131 (v. 4, n. 1 - 2022).
- PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética.** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SATURBANDO, Andrea, PETERLE, Patricia in AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros /** Giorgio Agamben; 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.



8 Vozes Instintivas

Poemas ilustrados de **Lorena Gonçalves**

(Apresentação feita por **Tannia Contreiras**, jornalista, psicoarteterapeuta, poeta.)

Percorrer a trilha inusitada de um astro dos céus à terra. Equilibrar-se no deleite sedoso das teias de uma aranha ou até mesmo se infiltrar nas aromáticas brechas de árvores sussurrantes. Estas e outras escritas fazem parte do primeiro livro de Lorena Gonçalves, intitulado **8 Vozes Instintivas - Poemas Ilustrados**, lançado no dia 24/11/2023 na livraria LDM, no Shopping Bela Vista, em Salvador - BA.

Com ilustrações feitas pela própria autora e um título que evoca a magia dos números, a obra convida para um diálogo, onde a natureza ganha voz ativa e altiva, levando o

leitor a refletir sobre a sua inter-relação com o cosmos, com os elementos da natureza viva, seus seres e seus ciclos.

Por meio de elementos e seres da natureza em sua singularidade, o Livro toca em temas como a liberdade, o prazer de criar, o movimento circular do existir, a superação de medos e barreiras e a importância da harmonia na relação consigo mesmo e com toda a vida.

“**Árvore Ser**” é um dos poemas do Livro **8 Vozes Instintivas, Poemas Ilustrados** de Lorena Gonçalves, que busca revelar a beleza das árvores, estes seres majestosos:

ÁRVORE SER

Verde ternura que afaga meu peito
Teu toque é o sublime laço de confiança

Absorvo teu convite aromático
Observo tua seiva circular

E me aquieto até a ponta de tuas raízes
Ó, doçura selvagem
Arvora em mim

Quero alçar voo no calor de teus ramos
E me irmanar no teu afeto
Ar de tua folhagem
Orquestra para meu renascer

Conheça mais da autora na Rede Social: Instagram: @plumasdemim

Adquira o seu exemplar na Livraria LDM ou no Site: <https://www.livrarialdm.com.br/8-vozes-instintivas-poemas-ilustrados-145369-p5407020>



3 – MENTE SOBRE PLÁSTICO: desvendando o poder psicológico da Barbie na construção do *Self*¹ MENTE SOBRE PLÁSTICO: desvelando el poder psicológico de Barbie en la construcción del *Self*

Cleuseni Resende de Oliveira²
 Debora Louise Oaida³
 Mario Alberto Otero Mancini⁴
 Sheila de Souza Moreira⁵
 Eugênio Pereira de Paula Júnior (orientador)⁶

RESUMO

O artigo tem por objetivo investigar a relação entre a Barbie e o conceito de *Self* da Psicologia Analítica, para compreender de que maneira essa identificação pode influenciar o desenvolvimento do *Self* nas pessoas. Trata-se de pesquisa quantitativa, de natureza exploratória e caráter descritivo, que utilizou-se como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada com perguntas fechadas, com dados obtidos analisados estatisticamente de acordo com as respostas obtidas e interpretados por conceitos e estudos da Psicologia Analítica. A pesquisa evidenciou que a identificação pessoal com a Barbie pode ter impactos psicológicos e emocionais profundos em algumas pessoas, destacando a importância de considerar a influência dos símbolos culturais na psicologia contemporânea.

Palavras-chave: Psicologia Analítica, Barbie, Identificação, Individuação, Projeção.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo investigar la relación entre Barbie y el concepto de *Self* en Psicología Analítica, para comprender cómo esta identificación puede influir en el desarrollo del *Self* en las personas. Se trata de una investigación cuantitativa, de carácter exploratorio y de carácter descriptivo, que se utilizó como instrumento de recolección de datos, una entrevista semiestruturada con preguntas cerradas, con datos obtenidos analizados estadísticamente de acuerdo a las respuestas obtenidas e interpretados por conceptos y estudios de la Psicología Analítica. La investigación demostró que la identificación personal con Barbie puede tener profundos impactos psicológicos y emocionales en algunas personas, destacando la importancia de considerar la influencia de los símbolos culturales en la psicología contemporánea.

Palabras clave: Psicología Analítica; Barbie; Identificación; Individuación; Proyección.

¹O presente artigo foi utilizado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniDomBosco, Curitiba/PR, Brasil. Orientador: Prof.º Drº Eugênio Pereira de Paula Júnior.

²Cleuseni Resende de Oliveira, cleuseni.oliveira@acad.unidombosco.edu.br; ³Debora Louise Oaida, debora.oaida@acad.unidombosco.edu.br; ⁴Mario Alberto Otero Mancini, mario.mancini@acad.unidombosco.edu.br e

⁵Sheila de Souza Moreira, sheila.moreira@acad.unidombosco.edu.br, são discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário UniDomBosco, Curitiba/PR, Brasil.

⁶Eugênio Pereira de Paula Júnior é Neuropsicólogo; Mestre em Educação (UTFPR, 2000); Especialista em Neuropsicologia (CFP, 2007); Doutor em Gestão do Conhecimento (Dom Bosco, 2015) e, Professor orientador do Centro Universitário UniDomBosco, Curitiba/PR, Brasil. Contato: genio97@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propôs a explorar a influência psicológica da boneca Barbie na construção do *Self* das pessoas, com ênfase na abordagem da Psicologia Analítica, que adota uma perspectiva simbólica e não linear da psique, considerando os símbolos como elementos integradores do consciente e do inconsciente, propiciando o desenvolvimento pessoal através da individuação (Padua, Serena, 2018). O conceito do *Self*, formulado por Carl Jung, é central nesse estudo, representando a busca pela individuação e equilíbrio dos opostos internos. A visão de Marie Louise von Franz e de Nise da Silveira são igualmente relevantes, enfatizando sua importância na busca da unidade interna e no mergulho nas profundezas da psique.

Nesse contexto, como a identificação pessoal com a Barbie pode influenciar a autenticidade e a busca por autodescoberta nas pessoas? Este estudo visa contribuir para essa compreensão.

O objetivo deste artigo é investigar a relação entre a Barbie e o conceito de *Self* da Psicologia Analítica, para compreender de que maneira essa identificação pode influenciar o desenvolvimento do *Self* nas pessoas, além de explorar como essa identificação influencia a formação da identidade e a individuação, avaliar o impacto das narrativas na autoestima e no autoconhecimento, analisar como diferentes representações da boneca refletem estágios do desenvolvimento de *Si Mesmo*, examinar como a identificação influencia valores e crenças pessoais ligados ao *Self*, investigar se essa conexão varia com características individuais e contribuir para compreender a influência da Cultura Pop na formação da identidade (Cechin, Silva, 2012).

A justificativa para o estudo é multifacetada. No âmbito acadêmico, contribui para a compreensão da relação entre identificação com personagens midiáticos, no caso a Barbie, e os processos psicológicos. No contexto científico, a investigação oferece uma abordagem significativa para compreender os efeitos psicológicos da mídia na formação do *Self*, com aplicações em Psicologia clínica, terapia, educação e mídia. Socialmente, é relevante por sua análise da influência da Barbie na formação do *Self* e comportamentos, abordando possíveis impactos positivos como a desconstrução de estereótipos de gênero.

Quanto à metodologia, trata-se de pesquisa quantitativa, de natureza exploratória e caráter descritivo, que envolveu uma revisão sistemática de literatura, análise de teorias e conceitos (Michel, 2005). Utilizou-se como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada com perguntas fechadas, direcionadas para a investigação da influência da Barbie na autenticidade e autodescoberta, onde os dados obtidos foram analisados estatisticamente de acordo com as respostas obtidas e interpretados por conceitos e estudos da Psicologia Analítica. A pesquisa foi aplicada no segundo semestre do ano de 2023, para 208 alunos do período noturno, de cursos variados, do Centro Universitário UniDomBosco.

Em resposta a questão norteadora da pesquisa, conclui-se que, pela ótica da Psicologia Analítica, a identificação com a Barbie aciona projeções arquetípicas, instigando reflexões sobre autenticidade e individuação. A pesquisa evidenciou que a identificação pessoal com a Barbie pode ter impactos psicológicos e emocionais profundos em algumas pessoas, destacando a importância de considerar a influência dos símbolos culturais na psicologia contemporânea.

A submissão ao Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos (CEP)³ do Centro Universitário UniDomBosco, foi realizada sob registro nº CAAE nº: 73499523.8.0000.5223.

A MAGIA DO SELF

O conceito do *Self*, formulado por Carl Gustav Jung, abrange o núcleo central da psique humana, transcendendo os aspectos individuais e integrando consciente e inconsciente, representando dessa forma a busca pela Individuação e o equilíbrio dos opostos internos, sendo o *Self* a força unificadora que direciona esse desenvolvimento pessoal e espiritual (Rocha, 2018). Por meio de símbolos e sonhos do inconsciente coletivo, busca-se a

³Com parecer favorável nº 6.336.658/2023. A coleta de dados foi respaldada na Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e no Código de Ética do Psicólogo. A participação da pesquisa se deu de forma voluntária – o participante realizou a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, autorizando sua participação ao assinalar em “Li e concordo em participar”, tendo acesso a pesquisa.

autorrealização, integrando progressivamente as diferentes facetas da psique.

Nessa ordem de ideias, o *Self* é entendido como a essência primordial de todas as atividades humanas, revelada através de sonhos, imagens e fantasias como artefatos poderosos para explorar a psique. Enfatiza que esses símbolos permitem discernir o inconsciente, refletindo a projeção do mundo interno do si mesmo e tornando-se uma introjeção do mundo externo (Hark, 2000). Destaca por sua vez a importância vital do simbolismo e da dinâmica interativa entre consciente e inconsciente no processo de construção da identidade e na compreensão mais profunda da psique humana, incluindo o processo automático e inconsciente de projeção e introjeção de conteúdos latentes do inconsciente (Teodoro et al., 2019).

Segundo Bonfatti et al. (2021), o *Self* possui uma dimensão transpessoal, conectando o indivíduo com a totalidade do universo e permitindo uma harmoniosa integração ao contexto social e cultural, que no olhar da teoria junguiana, isso reflete na busca pela totalidade e sentido da vida, desempenhando dessa maneira um papel fundamental no caminho rumo ao autoconhecimento e à plenitude.

No contexto da Psicologia Junguiana, o referido conceito de *Self* assume uma relevância central como um arquétipo unificador que busca a integração dos elementos conscientes e inconscientes da psique, visando a realização pessoal e o equilíbrio psicológico (Hark, 2000):

A denominação de *Self* não cabe unicamente a esse centro profundo, mas também à totalidade da psique. O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, liquidação de projeções, assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos, em suma, o confronto entre consciente e inconsciente, produz um alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincida com o ego. O centro da personalidade estabelece-se agora no *Self*, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico. A consequência será a totalização do ser, sua esferificação (abrundung). O indivíduo não estará

mais fragmentado interiormente [...] Seu mundo agora abraça valores mais vastos, absorvidos do imenso patrimônio que a espécie penosamente acumulou nas suas estruturas fundamentais. Prazeres e sofrimentos serão vivenciados num nível mais alto de consciência. O homem se torna ele mesmo, um ser completo, composto de consciente e inconsciente incluindo aspectos claros e escuros, masculinos e femininos, ordenado segundo o plano de base que lhe for peculiar (Teodoro, Silva & Ferreira, 2019, p.17, apud Silveira, 1983, p.99-100).

O *Self*, segundo Jung, é o arquétipo central e a totalidade psíquica, que influencia a integração e vários processos e aspectos da psique. Jung tinha uma visão fenomenológica dos arquétipos, relacionados às experiências significativas da humanidade, mas o conceito de *Self* apresenta dificuldades de definição na sua teoria (Bonfatti et al, 2021).

EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DO SELF: A CONTRIBUIÇÃO FEMININA NO DESENVOLVIMENTO DA TEORIA

Começando pelo conceito de *Self* de Marie Louise von Franz, em vista de que segundo ela, é essencial na busca da unidade interna do ser humano, integrando suas partes conscientes e inconscientes. Ao explorar os significados simbólicos dos contos de fadas, o indivíduo mergulha nas profundezas de sua psique, reconhecendo aspectos ocultos e enfrentando desafios internos (Franz, 1980). Os contos de fadas espelham a jornada de autorrealização, mostrando o caminho da individuação e a jornada do herói rumo ao pleno desenvolvimento de cada indivíduo. Compreender e integrar o *Self* proporciona sentido, propósito e razão à existência, conduzindo a um caminho de crescimento pessoal e equilíbrio psicológico (García, 2018).

A ideia do *Self*, proposta por von Franz, enfatiza a transcendência das fronteiras consciente e inconsciente, já que o *Self* emerge da conexão entre esses dois conteúdos, ao longo do eixo ego-*Self*, permitindo um desenvolvimento contínuo (Franz, 1980). A evolução depende do desejo do ego de receber as mensagens do *Self*. A

escolha de acolher essas mensagens abre um caminho para a autodescoberta e transformação psicológica, que ao integrar consciente e inconsciente, o indivíduo alcança equilíbrio e harmonia interior, desvendando aspectos ocultos e rumando ao autoconhecimento pleno (Bacarin, 2019).

A próxima visão do *Self* é a de Nise da Silveira, renomada psiquiatra brasileira. Seu conceito ganha destaque por ela compreender o *Self* como o núcleo da nossa totalidade psíquica, possibilitando a experiência de transcendência do ego, e ao perceber a fragilidade do ego em relação aos mistérios profundos e à nossa própria alma, o *Self* nos permite mergulhar nos abismos da consciência e ir além das projeções da *anima/animus* e da sombra (Sousa, 2021).

Sousa (2021) comenta que através desse processo contínuo de autoconhecimento, pode-se expandir as fronteiras da consciência e experimentar um algo para além de si. Nise da Silveira enfatiza que somente ao reconhecer os limites é que pode estar apto a superá-los, possibilitando um encontro mais autêntico com sua essência interior (p.5, citado por Sousa, 2021).

Na parte mais profunda do inconsciente coletivo, Jung desvelou um elemento central de extrema relevância na psicologia junguiana: o *Self* (Si Mesmo). Ele age como uma fonte inesgotável de energia psíquica, desempenhando um papel fundamental. Como explorado anteriormente, ele desempenha um papel importante nas dinâmicas de renúncia aos desejos egoístas. Quando a renúncia ocorre por medo da opinião pública e da conformidade com os códigos sociais, isso indica que o *Self* permanece nas sombras do inconsciente, projetando-se na esfera externa e alinhando-se à consciência moral coletiva. No entanto, à medida que ele se torna perceptível como um fator psíquico determinante, a renúncia aos desejos egoístas deixa de ser motivada pela pressão da moral coletiva e passa a ser regida pelas leis internas inerentes ao próprio *Self*. Esse conceito é essencial para compreender a psicologia humana e fornece insights valiosos para a compreensão das motivações intrínsecas por trás das ações individuais (Silveira, 2023).

HI, BARBIE!

O brinquedo, enquanto objeto cultural, desempenha um papel fundamental na construção da infância, envolvendo complexos significados e práticas que são gerados não somente por seus criadores e disseminadores, mas também pelos próprios usuários (Cechin, Silva, 2012). Revelando discursos, concepções e representações sociais, esses artefatos carregam consigo valores culturais que refletem a concepção histórica da cultura circundante onde são concebidos. A dinâmica histórica da cultura hegemônica do momento, molda as subjetividades de acordo com suas próprias premissas (Cechin, Silva, 2012).

A Barbie, concebida na década de 1950 por Ruth Handler, cofundadora da Mattel, surgiu como uma resposta à ausência de bonecas adultas no mercado infantil. Lançada em 1959, a boneca se tornou um símbolo cultural, moldando a perspectiva das meninas ao apresentar um padrão estético e comportamental ideal, gerando impactos psicológicos significativos na autoimagem, autoestima e construção de identidade (Silva, 2016). Além de influenciar preferências de consumo, a Barbie representa uma reflexão sociológica sobre como nossas escolhas de demanda estão intrinsecamente ligadas à busca por uma identidade desejada (Simili Souza, 2015).

Ao longo dos anos, a Barbie se estabeleceu como um signo significativo e influente, amplamente conhecido, colecionado, admirado e elevado ao status de uma personalidade imortal na Cultura Pop, recebendo um constante influxo de renovação para permanecer viva no imaginário geral (Simili Souza, 2015). Com mais de 60 anos de existência pública, a trajetória da Barbie revela como os objetos de consumo não se restringem a meras mercadorias, mas adquirem uma dimensão simbólica e tornam-se veículos de significados, moldando a cultura, os valores sociais e influenciando diretamente a construção da identidade pessoal e coletiva (Silva, 2016).

Neste contexto, destaca-se a relevância da semiótica da Barbie, que, como ícone cultural, também influencia a construção da identidade, tanto a infantil como a adulta, através da disseminação de modelos identitários por meio de imagens presentes em filmes, brinquedos, roupas, revistas e outras mídias (Roveri, 2008). Embora nem

todas as crianças possam adquirir os produtos comercializados pela boneca, a marca Barbie exerce uma influência poderosa ao difundir signos de gênero e sexualidade, moldando de forma vertiginosa certas formas de pensamento, comportamento e relações com o mundo para uma ampla gama de pessoas (Roveri, 2008).

A Barbie, como objeto com identidade cultural, alcançou um notável sucesso impulsionado pelas diversas narrativas entrelaçadas em diferentes mídias, as quais têm continuamente renovado e adaptado suas múltiplas identidades, conectando-as às especificidades culturais de cada época (Cechin, Silva, 2012). Ao considerar as representações culturais presentes nessas imagens pictóricas, é possível reconhecer conscientemente os modelos identitários difundidos e seus impactos no processo de identificação e construção da identidade das pessoas assim como seus alcances psicoemocionais (Silva, 2016).

A onipresença e a constante produção de estímulos da Barbie alimentam o desejo de "ser tudo o que você quiser", refletindo o reverso capitalista do consumo (Simili, Souza, 2015). Através de sua vasta variedade de modelos, busca criar identificação com as pessoas e induzir o desejo de consumo em uma sociedade capitalista, utilizando-se da semiótica e imagens arquetípicas para evocar projeções e identificação em cada indivíduo. Assim, a influência psicológica da Barbie na construção da identidade e nos desejos dos indivíduos é reforçada (Roveri, 2008).

No entanto, essa versatilidade também desencadeou debates sobre as influências psicológicas da Barbie, pois os críticos apontam que a imagem idealizada e irrealista da boneca pode afetar negativamente a autoimagem e autoestima das crianças, levando a padrões de beleza inatingíveis e insatisfação com o próprio corpo. Além disso, a ênfase na moda, no consumo e em determinados estilos de vida pode contribuir para a criação de uma mentalidade consumista desde tenra idade, onde a busca por identidade está diretamente vinculada ao que se possui na realidade material (Roveri, 2008).

A influência da Barbie não se limita apenas às crianças, mas também se estende aos adultos e à sociedade como um todo. A

marca Barbie tornou-se um fenômeno cultural, permeando diferentes esferas, como moda, arte, música e até mesmo discussões sobre questões de gênero e representação (Simili, Souza, 2015). A referida boneca pode ser vista como um reflexo da cultura e dos valores da época em que foi criada, mas também atua como um agente ativo na construção e perpetuação de certos estereótipos e ideais (Roveri, 2008; Simili, Souza, 2015).

A trajetória dela é uma mistura complexa de influências culturais, sociais e psicológicas, já que enquanto a boneca continua a ser um símbolo de diversão e imaginação para muitas crianças, também desperta questionamentos sobre os impactos de sua representação estereotipada e seu papel na construção das subjetividades das pessoas, independentemente do gênero (Roveri, 2008; Simili, Souza, 2015). A discussão em torno da Barbie é um reflexo mais amplo das complexidades envolvidas na relação entre consumo, identidade e sociedade contemporânea (Roveri, 2008).

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DA BARBIE

A importância da Psicologia na criação da imagem icônica da Barbie é inegável e enraizada na colaboração significativa de Ruth Handler e do psicólogo e consultor de empresas Ernest Dichter. Dichter, um renomado especialista em marketing, desempenhou um papel crucial ao aplicar suas técnicas psicológicas para entender as motivações das pessoas na compra de produtos. Sua abordagem envolveu pesquisas aprofundadas que exploravam as percepções das pessoas sobre produtos e sua relação pessoal com eles. Foi esse enfoque que o levou a analisar a Barbie, conduzindo entrevistas com meninas e mães para entender suas percepções e aspirações em relação à boneca. Ele descobriu que, embora as mães tivessem opiniões negativas sobre a Barbie, as meninas a viam como um modelo aspiracional. Esse insight levou a recomendações estratégicas, como enfatizar o valor educacional da boneca para as mães, minimizando os aspectos sexuais e destacando como as roupas da Barbie poderiam ensinar as meninas a se cuidarem (Gerber, 2023).

Ruth Handler, alinhada com a visão de Dichter, acreditava que a Barbie poderia ser mais do que uma simples boneca, podendo ser um instrumento de aprendizado e inspiração para as meninas. O lançamento da boneca como uma adolescente que nadava, dançava e trocava de roupas foi um passo revolucionário na publicidade de brinquedos da época. Essa abordagem pioneira permitiu que as meninas se enxergassem na Barbie e sonhassem com um futuro de possibilidades. A Psicologia desempenhou um papel fundamental na criação da imagem da Barbie como um reflexo das aspirações das meninas e na formação de sua identidade como um ícone da cultura pop. Apesar das controvérsias posteriores em relação aos papéis de gênero e ao feminismo, a visão de Ruth Handler e a aplicação das técnicas psicológicas de Ernest Dichter deram origem a uma boneca que se tornou um ícone cultural duradouro (Gerber, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As perguntas da pesquisa tinham por objetivo obter resposta para a questão norteadora, sendo 15 perguntas fechadas: sobre o gênero dos participantes; sobre a idade dos participantes; sobre a primeira vez que a pessoa viu a Barbie; se a Barbie provoca nostalgia na pessoa; a respeito do valor sentimental que a Barbie tem para as pessoas; se a pessoa teve ou tem identificação com a Barbie; como a Barbie estimula a criatividade e imaginação das pessoas; como a jornada de autodescoberta da Barbie refletiu nas experiências de autoconhecimento das pessoas; como a interação com a Barbie impactou a autoestima das pessoas; sobre a influência da Barbie na percepção da pessoa sobre o papel da mulher na sociedade; sobre a influência da Barbie na percepção da pessoa sobre os papéis de gênero no que é considerado feminino ou masculino; sobre como a Barbie afetou a percepção da pessoa sobre a importância da autenticidade e aceitação de si mesmo(a); sobre como a Barbie influenciou a forma como a pessoa expressa suas emoções e sentimentos; sobre como a Barbie influenciou a percepção da pessoa a respeito da importância da busca pelo equilíbrio entre a individualidade e interdependência e; quais valores ou

mensagem a Barbie transmite que a pessoa considera relevante em sua vida.

Segundo Cervo e Bervian (2007, p. 86), “a análise de dados é a transformação de números em informação, em significado, em solução de problemas”, de modo que, uma vez coletados os dados, é preciso analisar e interpretar. Assim, a análise e interpretação dos dados apresentados considerou-se as 208 respostas obtidas, utilizando da ferramenta da análise estatística descritiva, onde os dados são demonstrados em forma de texto, analisados estatisticamente de acordo com as respostas obtidas e interpretados por conceitos e estudos da Psicologia Analítica.

As duas primeiras perguntas referia-se aos dados demográficos da pesquisa. Sobre o gênero dos acadêmicos que participaram da pesquisa, observou-se que a maioria foram mulheres, 77,4% (161 pessoas) se identificaram como sendo do gênero feminino e; 18,8% (39 pessoas) se identificaram como sendo do gênero masculino e; 3,8% (08 pessoas) como sendo do gênero não binário. Não houve respondentes que se identificaram com outros gêneros. Em relação a idade dos acadêmicos que responderam à pesquisa, observou-se que 45,2% (94 pessoas) tem idade entre 18 a 29 anos; seguidos por 32,6% (68 pessoas) com idade entre 30 a 39 anos; 16,4% (34 pessoas) com idade entre 40 a 49 anos e; 5,8% (12 pessoas) com idade entre 50 a 59 anos. Não houve respondentes com idade igual ou acima de 60 anos.

Ao pesquisar sobre qual foi a primeira vez que você teve contato com a Barbie e como você se sentiu ao vê-la; notavelmente, 66,3% dos participantes descreveram um encontro marcante e emocionalmente positivo, enquanto 18,8% lembraram-se vagamente desse momento, e 14,9% relataram uma experiência inicial menos impactante. A Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, oferece uma abordagem que destaca a importância dos símbolos e do inconsciente na formação da psique humana. À luz dessa perspectiva, a diversidade de experiências iniciais relatadas pelos participantes em relação à boneca Barbie pode ser compreendida como uma manifestação da riqueza simbólica presente na psicologia individual. Essas vivências iniciais variam em termos de intensidade simbólica e emocional, refletindo a ativação

de símbolos pessoais ou arquétipos relacionados à beleza, feminilidade e idealização, como indicado pelos 66,3% dos participantes que descreveram encontros marcantes e emocionalmente positivos com a Barbie. Por outro lado, os 18,8% que lembraram-se vagamente desse momento sugerem uma conexão mais sutil com os símbolos associados à boneca, enquanto os 14,9% que relataram uma experiência menos impactante indicam uma menor ativação de símbolos relacionados à Barbie. Dentro da perspectiva junguiana, os arquétipos, que são padrões universais de significado e experiência compartilhados pela humanidade, podem estar em ação aqui, influenciando as reações iniciais à Barbie e moldando a construção do *Self* de maneira única para cada indivíduo (Silveira, 2023). Isso sugere que a influência da Barbie na construção do *Self* é multifacetada, variando em termos de intensidade simbólica e emocional, dependendo do indivíduo.

Ao questionar em que medida a Barbie evoca sentimentos de nostalgia, a pesquisa investigou a extensão desses sentimentos em cada um dos participantes. Os resultados indicam que a maioria (50,5%) relatou forte conexão emocional com a Barbie, devido à lembranças da infância. Essa forte evocação de nostalgia pode ser entendida à luz do conceito junguiano de Inconsciente Coletivo, que destaca a importância de arquétipos e memórias da infância na formação da psique individual. O conceito de Inconsciente Coletivo de Jung, fundamental na Psicologia Analítica, enfatiza a transferência como a projeção de conteúdos iniciais do inconsciente, vinculados a experiências pessoais. Destaca-se a presença dos arquétipos, imagens universais que residem nas camadas mais profundas do inconsciente, transcendentais às experiências pessoais e encontradas em todas as culturas, integrando-se ao Inconsciente Coletivo (Jung, 2011a). Além disso, 22,6% dos participantes descreveram uma conexão moderada com a Barbie, sugerindo que a boneca continua a exercer uma influência simbólica, mantendo um vínculo com memórias nostálgicas. Por outro lado, 19,7% dos participantes relataram uma conexão moderada com a Barbie, indicando uma evocação mais fraca de sentimentos de nostalgia ligados à boneca. Enquanto 7,2% dos respondentes não expressaram uma

opinião formada sobre a influência da nostalgia da Barbie. Essas respostas refletem a variação na influência simbólica da Barbie na construção do *Self*, destacando a complexidade da psique humana, um ponto enfatizado pela Psicologia Analítica.

A pesquisa explorou o valor sentimental que a Barbie tem na vida dos participantes, revelando que a maioria, 46,6%, expressou um vínculo significativo com a boneca, considerando-a como muito valiosa, evidenciando a forte conexão emocional e a importância atribuída à Barbie. Esse fenômeno pode ser explicado à luz do conceito junguiano do Complexo, que são agrupamentos de conteúdos emocionais, frequentemente ligados a experiências passadas, que exercem uma influência significativa no comportamento e na percepção de um indivíduo. Quando alguém atribui um valor sentimental elevado à Barbie, isso pode indicar a ativação de um Complexo relacionado à infância, onde a boneca é um símbolo que evoca memórias, emoções e significados profundos (Silva, Serbena, 2021). Adicionalmente, 25,5% dos participantes declararam que a Barbie é pouco valiosa, indicando uma conexão menos intensa com a boneca, enquanto 23,1% a consideraram-na moderadamente valiosa, destacando que a Barbie tem um valor sentimental, embora não seja central em suas vidas. Ressaltando a diversidade de significados simbólicos e emocionais atribuídos aos objetos, como a Barbie, em função da experiência individual e do peso simbólico carregado por esses objetos ao longo da vida e; 4,8% sinalizaram não ter uma opinião formada sobre isso.

A pesquisa examinou a identificação dos participantes com a Barbie ao longo de suas vidas, destacando que uma parcela significativa (37,5%) relatou que a Barbie sempre foi uma figura de identificação importante para eles, refletindo a influência duradoura da boneca na construção de seus *Selves*. Essa forte identificação pode ser também ser compreendida à luz do conceito junguiano de Arquétipos, enquanto fenômenos psíquicos, que se concretizam através da expressão simbólica em criações artísticas e narrativas, manifestando-se como imagens específicas com conteúdo simbólico reconhecível pela consciência (Anaz, 2020). A Barbie pode ser vista como um arquétipo, que desempenha um papel central na

identificação desses participantes. Além disso, 28,8% dos participantes afirmaram que não têm uma identificação específica com a Barbie, indicando que a boneca não desempenhou um papel significativo em suas vidas. Pode-se observar a importância das diferenças individuais na forma como os arquétipos se manifestam na psique de cada pessoa, baseado na diversidade das respostas. Por outro lado, 19,2% dos participantes declararam que a Barbie foi uma figura com a qual se identificaram em algumas fases de suas vidas, enquanto 14,4% relataram que nunca tiveram identificação com a Barbie. Essas respostas destacam a natureza mutável das identificações na psique humana e como os arquétipos podem ser mais ou menos ativos em diferentes momentos.

A pesquisa analisou como a Barbie é percebida em relação à capacidade de estimular a criatividade e imaginação. A maioria dos participantes (51%) acredita que a Barbie é uma eficaz ferramenta para fomentar a criatividade e imaginação em crianças e adultos. Essa visão pode ser compreendida à luz do conceito de Imaginação Ativa de Carl Jung, que destaca a importância da exploração ativa do mundo interior por meio de símbolos e imagens. A imaginação ativa é um processo que possibilita o diálogo com as imagens psíquicas do inconsciente. Isso envolve permitir que as imagens fluam de maneira espontânea e, em seguida, dar-lhes uma forma de expressão, como desenho, escrita ou dança, que ajuda na conscientização das imagens. Esse processo visa trazer o significado das imagens para a realidade cotidiana, não apenas vivenciando as fantasias, mas integrando-as e estabelecendo uma conexão entre o mundo interno e o mundo externo (Silveira, 2021). No entanto, uma parcela menor de participantes (36,5%) acredita que a capacidade da Barbie de estimular a criatividade e imaginação é mais seletiva, sugerindo que nem todos se beneficiam da mesma forma. Isso pode ser associado à ideia de que a eficácia da imaginação ativa por meio da Barbie pode variar dependendo do indivíduo e de suas experiências pessoais. Em contraste, uma minoria (5,8%) não vê a Barbie como relevante para estimular a criatividade e imaginação, e um grupo menor ainda (6,7%) não considera a

Barbie significativa para essa estimulação em qualquer faixa etária. Essas variações nas respostas destacam a complexidade da relação entre objetos simbólicos, como a Barbie, e a capacidade de explorar a criatividade e a imaginação na psique individual.

A pesquisa explorou como a jornada de autodescoberta da Barbie em suas diversas versões e histórias influenciou as experiências de autoconhecimento dos participantes. A maioria dos entrevistados (41,3%) relatou que a jornada da Barbie os inspirou e teve um impacto positivo em sua própria busca por autoconhecimento. Essas respostas podem ser interpretadas sob a perspectiva do conceito junguiano de Individuação, que descreve o processo de tornar-se o verdadeiro e único ser que alguém é. A individuação é um processo de constituição e singularização do indivíduo, notadamente o desenvolvimento do indivíduo psicológico como uma entidade distinta do coletivo, da psicologia coletiva, um processo de diferenciação, com o objetivo de desenvolver a personalidade individual (Jung, 2011b). A Barbie, como um símbolo de transformação e autodescoberta, pode ter servido como um arquétipo inspirador para aqueles que se identificaram com sua jornada. Porém, uma parcela significativa dos participantes (25%) não viu uma conexão entre a jornada de autodescoberta da Barbie e suas próprias experiências de autoconhecimento. Isso pode indicar a individualidade das jornadas de autodescoberta, ressaltando que o impacto simbólico da Barbie varia entre as pessoas. Alguns participantes (22,1%) reconheceram que alguns aspectos da jornada da Barbie refletiram em suas próprias experiências de autodescoberta, mas não de maneira abrangente. Por fim, um grupo menor (11,5%) afirmou nunca ter se identificado com a jornada de autodescoberta da Barbie. Essas variações nas respostas demonstram a complexidade das influências simbólicas na busca pelo autoconhecimento, refletindo a diversidade da psique humana na perspectiva da Psicologia Analítica.

A pesquisa buscou entender como a interação com a Barbie afetou a autoestima dos participantes. Os resultados revelam uma variedade de percepções. Para os 38,9% que relataram um impacto positivo em sua autoestima, este fenômeno também é

compreendido com o conceito de Individuação, que descreve o processo de integração e aceitação das várias partes da psique. É um processo de desenvolvimento psicológico que leva à formação de um "indivíduo" psicológico, ou seja, uma unidade e totalidade independente. Esse processo consciente leva à percepção do *Self*, que representa o centro da psique e a busca da autorrealização (González, 2018). A Barbie, como símbolo de beleza e autenticidade, pode ter desempenhado um papel na promoção da autoaceitação e valorização pessoal para esses indivíduos. Por outro lado, 25% dos participantes não identificaram nenhuma relação entre a interação com a Barbie e sua autoestima. Esse grupo pode refletir a ideia de que a influência simbólica da Barbie não é universal e varia de acordo com a experiência e a percepção de cada indivíduo. Além disso, 18,8% mencionaram que a interação teve pouca influência, nem positiva nem negativa, em sua autoestima, enquanto 17,3% destacaram que apenas algumas interações tiveram um impacto positivo. Essas variações nas respostas destacam a complexidade da relação entre a Barbie e a autoestima, demonstrando como objetos simbólicos influenciam a psique individual de maneira única.

A pesquisa investigou o impacto da Barbie na percepção dos participantes sobre o papel da mulher na sociedade. Os resultados revelam que a maioria dos participantes (51,9%) percebeu uma influência positiva da Barbie, destacando a importância da igualdade de gênero e oportunidades. Continua estando alinhado com o conceito junguiano de Individuação, em vista de que alguns participantes que perceberam uma influência positiva da Barbie na percepção do papel da mulher podem ter passado por esse processo de individuação e incorporado os valores de igualdade de gênero e oportunidades como parte de sua identidade única. No entanto, 20,2% dos participantes revelaram que ela teve pouca influência na sua percepção e 11,5% relataram que a influência da Barbie foi negativa, promovendo estereótipos de gênero. Essa divergência de respostas destaca como a interpretação e o impacto de símbolos, como a Barbie. De acordo com a Psicologia Analítica de Carl Jung, a Individuação é um processo de desenvolvimento pessoal que envolve a busca de uma identidade única e a

integração de diferentes aspectos da psique. A Barbie, como um símbolo cultural, pode servir como um objeto que desencadeia reflexões sobre o papel da mulher na sociedade. Os participantes que perceberam uma influência positiva da Barbie podem ter passado por um processo de individuação, incorporando valores de igualdade de gênero e oportunidades em sua identidade. Por outro lado, aqueles que tiveram uma influência negativa da Barbie podem estar lidando com conflitos em relação a estereótipos de gênero em seu processo de individuação. Esses resultados destacam como objetos simbólicos podem desempenhar um papel significativo na formação da identidade individual e na percepção da sociedade em relação ao gênero (Aufranc, 2018).

A análise dos dados sobre a influência da Barbie na percepção dos papéis de gênero e na compreensão do que é considerado feminino ou masculino, revela uma variação interessante respeito as respostas coletadas. Para a maioria dos participantes (49%), a Barbie desafiou estereótipos de gênero e promoveu uma visão mais igualitária, e que pode ser relacionado ao processo de Individuação, que envolve a busca por uma compreensão equitativa dos papéis de gênero, transcendendo as ideias preconcebidas e integrando os aspectos da Anima (o feminino interior em homens) e Animus (o masculino interior em mulheres) (Aufranc, 2018). Por outro lado, 13,9% dos participantes acreditam que a representação da Barbie pode ter reforçado estereótipos tradicionais sobre o que é considerado como feminino e masculino. Essa resposta destaca como a Barbie, apesar de potencialmente desafiadora para alguns, ainda pode perpetuar visões de gênero convencionais. No entanto, 24% dos participantes acreditam que a Barbie teve pouca influência em suas percepções sobre papéis de gênero e estereótipos. Além disso, 13% afirmam que algumas representações da Barbie os fizeram refletir sobre os papéis de gênero, mas nem todas. Essas discrepâncias na influência da Barbie destacam a complexidade da relação entre objetos simbólicos, Individuação, Anima e Animus, e os estereótipos de gênero. Também evidenciam a complexidade da relação entre um símbolo cultural e as percepções individuais de gênero, mostrando que a

influência varia de pessoa para pessoa (Aufranc, 2018).

Sobre a importância da autenticidade e autoaceitação, a pesquisa evidencia uma ampla gama de influências que a Barbie teve na percepção dos participantes. Para 45,2% a Barbie desempenhou um papel de destaque na promoção desses valores, resultando em um impacto positivo em sua autoestima e autoaceitação. Isso é congruente com o processo de Individualização, em vista que envolve a busca pela autenticidade e aceitação de si mesmo, e a Barbie pode ter servido como um estímulo eficaz nessa jornada (Silveira, 2023). Contudo, 27,9% dos entrevistados relataram que a Barbie não teve um impacto significativo em sua percepção sobre a importância da autenticidade e autoaceitação. Isso reflete uma neutralidade na influência da Barbie nessa dimensão específica da psique individual. Além disso, 13,9% dos participantes indicaram que a influência da Barbie pode ter reforçado padrões de comportamento inautênticos ou dificuldades na aceitação de si mesmo, enquanto 13% observaram que apenas algumas representações da Barbie trouxeram reflexões sobre a autenticidade e autoaceitação, mas nem todas. A variação nas respostas destaca a complexidade da interpretação de símbolos na psicologia analítica. No contexto junguiano, a interpretação de símbolos é fundamental no processo de individualização e integração com o *Self*. Dessa forma, a diversidade de respostas ressalta a importância de considerar a relação entre a Barbie e o *Self* de forma singular na compreensão da autenticidade e autoaceitação (Silveira, 2023).

A partir das respostas, é possível perceber uma divisão notável entre as opiniões dos participantes em relação a como a Barbie pode ter influenciado a forma como eles expressam suas emoções e sentimentos. Cerca de 39,9% dos respondentes acreditam que a Barbie não teve um impacto significativo em sua expressão emocional. Isso pode refletir a perspectiva de que outros fatores tiveram uma influência mais preponderante nessa área. Por outro lado, 38,9% afirmam que a Barbie influenciou positivamente sua forma de expressar emoções e sentimentos, promovendo uma atitude mais aberta e

saudável em relação a eles. Esses resultados podem ser interpretados sob a ótica da influência de Símbolos e Figuras Arquetípicas, como a Barbie, pode moldar a expressão emocional das pessoas de maneira profunda. A influência da Barbie, como um ícone cultural amplamente reconhecido, pode ter agido como um símbolo poderoso que moldou as atitudes emocionais e culturais daqueles que interagiram com ela (Pato, 2020). Entretanto, é importante destacar a presença de porcentagens significativas de respostas nas categorias restantes. Cerca de 13,9% alegam que apenas algumas representações da Barbie tiveram influência em sua forma de expressar emoções e sentimentos, enquanto 7,2% sugerem que a influência da Barbie pode ter reforçado atitudes reprimidas ou pouco expressivas em relação a suas emoções. A diversidade de respostas reflete a complexidade da influência psicológica da Barbie, demonstrando como o impacto de um ícone cultural pode variar significativamente entre indivíduos. Essas diferentes perspectivas ressaltam a importância de considerar o contexto pessoal e social ao avaliar como a Barbie afeta a expressão emocional e como conceitos da Psicologia Analítica, como os arquétipos, podem estar presentes nesse processo (Pato, 2020). A análise das respostas revela uma interseção intrigante entre o Simbolismo Junguiano, as Figuras Arquetípicas e a abordagem Semiótica de Peirce na consideração da influência da Barbie na expressão emocional. A Barbie, como um ícone cultural contemporâneo, desempenha o papel de um símbolo junguiano complexo que incorpora diversos arquétipos relacionados a questões de gênero, identidade e idealização. A variedade de respostas reflete a natureza multifacetada desses arquétipos, demonstrando como a Barbie pode tanto encorajar uma expressão emocional aberta, alinhada com ideais mais igualitários e saudáveis, quanto reforçar atitudes reprimidas em relação às emoções, consistentes com estereótipos tradicionais. A Semiótica de Peirce vem à tona ao lembrar que os símbolos, como a Barbie, são portadores de múltiplos significados e, portanto, suas influências nas pessoas podem ser profundamente ambíguas, variando conforme a interpretação individual. A divisão de opiniões que a Barbie provoca

reflete a complexidade do simbolismo cultural e a diversidade das respostas simbólicas que cada indivíduo atribui a essa figura arquetípica contemporânea (Pato, 2020).

O seguinte grupo de respostas analisadas revelam uma gama de percepções sobre como a Barbie pode ter influenciado a busca pelo equilíbrio entre a individualidade e a interdependência. A maioria expressa que a Barbie teve um impacto positivo nesse aspecto (46,2%), e essa percepção pode ser explicada através dos conceitos junguianos de Individuação e *Self*. Jung enfatizava a importância de equilibrar a individualidade com a interdependência, o que levaria a um estado de individuação, onde a pessoa é vista como uma totalidade psicológica (Stein, 2020). Para aqueles que sentiram que a Barbie influenciou positivamente, pode ser interpretado como um símbolo que os ajudou a compreender a importância desse equilíbrio. Há também uma parcela significativa (37,5%) que sente que a Barbie teve pouco ou nenhum impacto nessa percepção. Isso pode ser atribuído à diversidade de experiências e interpretações individuais. Além disso, 12,5% das respostas indicam que apenas algumas representações da Barbie trouxeram reflexões sobre o equilíbrio entre individualidade e interdependência, sugerindo que a influência da Barbie pode variar de acordo com a representação específica. Finalmente, uma pequena porcentagem (3,8%) acredita que a Barbie pode ter reforçado atitudes excessivamente individualistas ou dependentes, o que pode ser uma crítica à forma como o símbolo é representado em alguns contextos. As respostas refletem a complexidade da influência simbólica da Barbie e como diferentes indivíduos a interpretam à luz dos princípios da psicologia analítica.

As respostas à pergunta sobre os valores e mensagens transmitidos pela Barbie refletem uma variedade de percepções. A maioria (40,9%) considera que esses valores e mensagens desempenham um papel significativo em suas vidas e exercem uma influência positiva sobre suas decisões e comportamentos. Isso pode ser interpretado também pela Individuação, onde a incorporação de valores e mensagens que ressoam com a busca por uma totalidade psicológica e autenticidade é fundamental. O processo de Individuação, que envolve a

integração e a aceitação das partes inconscientes da psique, é um passo na direção do *Self*. O *Self* representa a totalidade da psique, e a individuação é o caminho que conduz a essa totalidade (Hall, 1992). Na mesma ordem de ideias, uma parcela significativa (35,1%) acredita que os valores e mensagens transmitidos pela Barbie não têm um impacto significativo em suas vidas. Isso pode ser visto como uma demonstração da individualidade na interpretação de símbolos, conforme enfatizado na Psicologia Analítica, onde cada indivíduo é único em sua jornada de individuação, e a forma como interpretam os símbolos pode variar amplamente. Além disso, 24% indicaram que algumas mensagens da Barbie têm relevância em suas vidas e influenciam parcialmente suas decisões e comportamentos, mas nem todas. Essa resposta sugere uma interpretação seletiva dos valores transmitidos, destacando a complexidade das influências simbólicas e como as mensagens da Barbie podem ser absorvidas de maneira seletiva por diferentes indivíduos, dependendo de sua jornada de individuação e experiências pessoais. Demonstrando que, a relação entre a Barbie, o processo de Individuação e o *Self* é complexa e variável, refletindo a diversidade da psique humana.

Examina-se como a identificação com a Barbie pode afetar a autenticidade e a busca de autodescobrimento, considerando o Si-mesmo como um arquétipo fundamental no desenvolvimento psíquico. A Barbie, como ícone cultural, apresenta-se como um elemento simbólico que desperta projeções arquetípicas, destacando sua profunda influência psicológica e seu papel como símbolo contemporâneo na construção de identidades. Este enfoque multidimensional pretende contribuir para a compreensão da interseção entre a psicologia analítica, e a influência dos ícones culturais no desenvolvimento do *Self* na sociedade contemporânea (Medina, 2022).

CONCLUSÃO

A Barbie, como um ícone da Cultura Pop, desempenha um papel significativo na sociedade, influenciando a construção da identidade e do *Self* de algumas pessoas. A pesquisa evidencia que a identificação pessoal com a Barbie pode ter impactos

psicológicos e emocionais profundos em algumas pessoas e, destaca a importância de considerar a influência dos símbolos culturais na psicologia contemporânea. Nesse contexto, a Barbie e outros tantos personagens oferecem um campo de estudo fértil para pesquisas futuras, a explorar como os símbolos da Cultura Pop moldam a percepção de nós mesmos e influenciam a busca por autenticidade e autodescoberta.

Adicionalmente, a pesquisa sublinha a relevância dos conceitos da Psicologia Analítica de Jung na compreensão desses fenômenos psicológicos contemporâneos. Os conceitos de individuação e anima emergem como ferramentas aplicáveis para interpretar as influências simbólicas da Barbie, destacando a necessidade de adaptar e aprimorar os conceitos da Psicologia Analítica no contexto atual, reconhecendo a influência simbólica da Cultura Pop na formação do *Self* nas sociedades atuais.

A pesquisa também ressalta a contribuição da Psicologia na concepção da Barbie, com os insights do psicólogo Ernest Dichter na psicologia do consumidor. A compreensão das motivações e projeções pessoais dos consumidores em produtos, como neste caso a Barbie, oferece uma visão valiosa sobre como os produtos podem ser projetados para atender às necessidades e desejos dos consumidores, revelando como os aspectos psicológicos influenciam a concepção e o sucesso no mercado desde o ponto de vista capitalista.

A pesquisa apresenta, no entanto, algumas lacunas e limitações. Enquanto fornece insights valiosos, a abordagem baseada nas respostas dos participantes pode não capturar totalmente a complexidade dos fenômenos estudados. Pesquisas futuras podem explorar abordagens adicionais, como estudos longitudinais ou análises mais detalhadas das narrativas pessoais dos indivíduos, a fim de aprofundar a compreensão do fenômeno. É importante reconhecer que a Barbie é apenas um exemplo de um símbolo da Cultura Pop e outras influências culturais podem ter efeitos similares ou diferentes nas percepções individuais e na busca por autenticidade.

Em última análise, a pesquisa destaca a tendência humana de projetar-se em objetos e símbolos, como se fossem uma extensão de si mesmos. A Barbie, nesse contexto, não

é meramente uma boneca, mas pode ser vista como um espelho das aspirações, valores e percepções de alguns indivíduos que a incorporam em suas vidas. A identificação pessoal com produtos culturais é um fenômeno psicologicamente rico que merece uma análise mais profunda, visando compreender a interseção entre Cultura Pop e a psique individual. Assim, a pesquisa estabelece um ponto de partida para a compreensão das complexas interações entre símbolos culturais, psicologia e identidade pessoal, enfatizando a importância contínua de investigar como esses elementos moldam o *Self* e influenciam a busca pela autenticidade e autodescoberta na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ANAZ, Sílvia Antonio Luiz. Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, v. 47, n. 54, p. 251-270, 2020. Disponível em: <http://orcid.org/0000-0002-4851-4903>. Acesso em: 12 out. 2023.
- AUFRANC, Ana Lia B. Expressões da sexualidade: um olhar junguiano. **Junguiana**, v. 36, n. 1, p. 37-48, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v36n1/07.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.
- BACARIN, Adriane Viola. Maria de Magdala: o resgate do feminino e a função transcendente *Self*. **Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 4, n. 1, p. 1-24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21901/2448-3060/self-2019.vol04.0009>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- BONFATTI, Paulo et al. Breves considerações sobre o conceito de *self* na psicologia de Carl Gustav Jung. **ANALECTA-Centro Universitário Academia**, v. 6, n. 3, 2021. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/view/2759>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- CECHIN, Michelle Brugnera Cruz; SILVA, Thaise da. Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, p. 623-638, 2012.

- Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000300012>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6ª. ed. São Paulo: Pearson, 2007.
- CNS – Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. **Diário Oficial da União**, n. 12, Seção 1, p. 59, jun. 13. Disponível em:
http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html Acesso em 25 jul. 2023.
- FRANZ, Marie-Louise von. **O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas**. In: O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas. 1980. p.160-160.
- GARCÍA, Karina Alejandra Aguado. El método de interpretación simbólica según Marie Louise Von Franz. **Murmullos Filosóficos**, v. 7, n. 14, p. 5-12, 2018. Disponível em:
<https://revistas.unam.mx/index.php/murmullos/article/view/68391>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- GERBER, Robin. **Barbie e o império da Mattel: como a criadora da boneca mais famosa do mundo revolucionou a indústria de brinquedos**. 1ª ed. Nova York: HarperCollins, 2023.
- GONZÁLEZ, Juan Carlos Alonso. La individuación desde el enfoque de Carl G. Jung. **Revista de Psicología: (Universidad de Antioquia)**, v. 10, n. 1, p. 325-343, 2018. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7529922>. Acesso em: 12 out. 2023.
- HALL, James A. **Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1992.
- HARK, Helmut. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais: a partir dos originais de CG Jung**. Edições Loyola, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011b.
- MEDINA, José. **Fronteras de lo inconsciente. El yo como arquetipo y el arquetipo del héroe**, 2022. Disponível em:
https://www.academia.edu/78348483/Fronteras_de_lo_inconsciente_El_yo_como_arquetipo_y_el_arquetipo_del_h%C3%A9roe. Acesso em: 28 jul. 2023.
- MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.
- PADUA, Elisângela Sousa Pimenta de; SERBENA, Carlos Augusto. Reflexões teóricas sobre a psicologia analítica. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 38, n. 94, p. 123-130, jan. 2018. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2018000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 ago. 2023.
- PATO, Paulo Roberto Gomes. Psicologia Junguiana na contemporaneidade: Os predicados do conceito de Símbolo. **Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP)**, 2020. Disponível em:
<https://ijep.com.br/biblioteca-ijep>. Acesso em: 13 out. 2023.
- ROCHA, Cleber Almeida da. Processo de individuação de Jung: a projeção como barreira ao autodesenvolvimento. **Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**, v. 1, n. 2, p. 89-100, 15 dez. 2018. Disponível em: v. 1 n. 2 (2018): JOSSHE. Acesso em: 28 jul. 2023.
- ROVERI, Fernanda Theodoro. Barbie: tudo o que você quer ser...: ou considerações sobre a educação de meninas. Dissertação (mestrado) - **Universidade Estadual de Campinas**, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 105 p., 2008. Disponível em:
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1607513>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- SILVA, Cauan Esplugues; SERBENA, Carlos Augusto. A teoria dos complexos culturais: uma perspectiva junguiana do social. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 158-182, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.5433/2236->

6407.2021v12n1p158. Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA, Rosângela Barbosa da. As representações sociais do feminino: um olhar sobre a boneca Barbie. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, p. 181-192, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.24860/comunicologia.v9i2.5320>. Acesso em: 30 jul. 2023.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

SILVEIRA, Suely Teodora da. Caracterização do Método da Imaginação Ativa na Obra de CG Jung: Singularidades e Desdobramentos. 2021. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicologia). **Universidade Federal de São João del-Rei**. Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/ppgpsi/DISSERTACAO%20SUELY%20FINAL.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

SIMILI, Ivana Guilherme; SOUZA, Michely Calciolari de. A beleza das meninas nas "dicas da Barbie". **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 200-217, 2015. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_

[arttext&pid=S010015742015000100200&lng=pt&nrm=iso](#). Acesso em: 24 jul. 2023.

SOUSA, Erick Miranda de. A arte da diferenciação do modo humano: Nise da Silveira: o elo perdido entre duas tradições. **Junguiana**, v. 39, n. 1, p. 31-44, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 ago. 2023.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa**. São Paulo: Cultrix, 2020.

TEODORO, Elizabeth Fátima; SILVA, Mardem Leandro; FERREIRA, Pedro Henrique Estevão. Arqueologia da psique: um breve esboço da teoria da personalidade à luz de Jung. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 7, p. 301-321, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18675>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Endereço para Contato: Mario Alberto Otero Mancini
Telefone: (41) 9 9500-1889
mario.mancini@acad.unidombosco.edu.br



4 – ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA IDOSOS EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA¹ PSYCHOLOGICAL SUPPORT FOR THE ELDERL IN LONG-STAY INSTITUTIONS

Ana Caroline Cordeiro²
 Keila Tavares Fernandes³
 Ketlin Emanuele Reis Antunes⁴

RESUMO

Contexto: Observa-se o crescimento da população longeva, e com isso a necessidade de promover maior visibilidade as suas necessidades e ao processo de envelhecimento, considerando as singularidades dessa fase da vida, assim como o destino dessas pessoas quando alocadas em instituições de cuidados essenciais, denominadas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's). **Problema:** As Instituições de Longa Permanência para Idosos localizadas no município de Curitiba/ Paraná oferecem acompanhamento psicológico aos idosos residentes? **Objetivo:** Realizar o levantamento de dados sobre a quantidade de Instituições de Longa Permanência para Idosos, que oferecem acompanhamento psicológico. **Fundamentação:** Longevidade (Ávila *et al.*, 2007), (Camarano, 2010); Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), (Papalia; Feldman, 2006, 2013), (Schneider, 2008), (WHO, 2005); Movimento familiar e institucionalização (Camarano, 2010), (Debert, 1999), (Jede; Spuldaro, 2009); Instituições de Longa Permanência (Sobral, 2018), (Brasil, 2021), (Jede; Spuldaro, 2009); Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2022); Atuação da Psicologia (Sobral, 2018), (Böing; Crepaldi, 2010). **Metodologia:** Levantamento de dados (Vieira, 2009), (Gil, 1999), com os responsáveis pelas ILPI's (n=42), a pesquisa contou com a realização de uma entrevista estruturada para aplicação de um questionário via contato telefônico. **Resultados:** Mesmo com as dificuldades encontradas, os resultados foram demonstrados a partir das instituições que aceitaram participar da pesquisa, em que, 6 delas responderam que oferecem o acompanhamento psicólogo, ao contrário de 10 que não oferecem. Remetendo ao entendimento de que a presença de um profissional de psicologia pode não ser relevante para os responsáveis pelas instituições, indo de encontro com as legislações que não recomendam ou estabelecem a obrigatoriedade da presença deste profissional. **Conclusão:** Devido à ausência de recomendação da contratação de um (a) psicólogo (a) pelas ILPI's, concluímos que a atuação e presença destes profissionais nessas instituições não se dão de forma habitual, e se constitui uma exceção.

Palavras-chave: Acompanhamento, Idosos, Institucionalização, Psicologia.

² **Ana Caroline Cordeiro** ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5769-1013>; Bancária; Acadêmica de Psicologia, Centro Universitário UniDomBosco, Curitiba/PR – Brasil; anacordeiro1998@hotmail.com
 41 99691-1069

³ **Keila Tavares Fernandes** ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5205-7518>; Bancária; Acadêmica de Psicologia - Centro Universitário UniDomBosco, Curitiba/PR – Brasil; Bacharel em Administração (conclusão 2012) - SPEI (Sociedade Paranaense de Ensino e Informática) Curitiba/PR - Brasil
keilatavaresfernandes@gmail.com/ 41 99928-4565; **Autor correspondente:** Keila Tavares Fernandes - 41 99928-4565
 Centro Universitário UniDomBosco - Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - (41) 3213-5200 - e-mail: cep@dombosco.sebsa.com.br - Endereço: Avenida Presidente Wenceslau Braz, 1172 - Guaíra, Curitiba - PR, 81010-000.

⁴ **Ketlin Emanuele Reis Antunes** ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9544-3442>; Gerente de Projetos; Acadêmica de Psicologia, Centro Universitário UniDomBosco, Curitiba/PR - Brasil ketlin.emanuele@gmail.com 41 99695-2483

ABSTRACT

Context: The growth of the long-lived population is observed, and with this the need to promote greater visibility of their needs and the aging process, considering the singularities of this phase of life, as well as the fate of these people when allocated to essential care institutions, called Long-stay Institutions for the Elderly. **Problem:** Do Long-Stay Institutions for the Elderly located in the city of Curitiba/Paraná offer psychological support to elderly residents? **Objective:** To collect data on the number of Long-Stay Care Institutions for the Elderly that offer psychological support. **Theoretical foundation:** Longevity (Ávila et al., 2007), (Camarano, 2010); Estatute of the Elderly (Brasil, 2003), (Papalia; Feldman, 2006, 2013), (Schneider, 2008), (WHO, 2005); Family movement and institutionalization (Camarano, 2010), (Debert, 1999), (Jede; Spuldaro, 2009); Long-Stay Institutions for the Elderly (Sobral, 2018), (Brasil, 2021), Jede; Spuldaro, 2009); Estatute of the Elderly Person (Brasil, 2022); Performance of Psychology (Sobral, 2018), (Böing; Crepaldi, 2010). **Methodology:** Data Survey (Vieira, 2009), (Gil, 1999), with those responsible for Long-Stay Institutions for the Elderly (n=42), the research involved carrying out a structured interview to apply a questionnaire by way of telephone contact. **Results:** Even with the difficulties encountered, the results were demonstrated from the institutions that agreed to participate in the research, 6 of them responded that they offer psychologist support, unlike 10 that don't offer it. Referring to the understanding that the presence of a psychology professional may not be relevant for those responsible for institutions, going against legislation that does not recommend or establish the mandatory presence of this professional. **Conclusion:** Due to the lack of recommendation to hire a psychologist by the Long-Stay Institutions for the Elderly, we concluded that the work and presence of these professionals in these institutions is not usual, and constitutes an exception.

Keywords: Monitoring, Elderly, Institutionalization, Psychology.

Introdução

Muito se observa o crescimento da população idosa, e com isso a necessidade de promover maior visibilidade as suas necessidades e também ao processo de envelhecimento, considerando as singularidades dessa fase da vida, assim como o destino dessas pessoas quando alocadas em instituições de cuidados essenciais, denominadas Instituições de Longa Permanência para idosos (ILPI's). A pesquisa buscou trazer ao conhecimento, as ILPI's que oferecem o acompanhamento psicológico dos idosos residentes. A pesquisa foi direcionada aos representantes da ILPI's, com o objetivo identificar a quantidade de instituições que oferecem o acompanhamento psicológico dos idosos residentes, assim como, as instituições que ofereciam, as que pudessem vir a oferecer e também os tipos de acompanhamentos oferecidos.

Os pressupostos teóricos se basearam em longevidade (Ávila et al., 2007), (Camarano, 2010), Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), (Papalia; Feldman, 2006; 2013), (Schneider, 2008), (WHO, 2005); movimento

familiar e institucionalização, (Camarano, 2010), (Debert, 1999), (Jede; Spuldaro, 2009); Instituições de Longa Permanência, (Sobral, 2018), (Brasil, 2021), Jede; Spuldaro, 2009); Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2022); atuação da Psicologia, (Sobral, 2018), (Böing; Crepaldi, 2010).

A metodologia utilizada consistiu em um levantamento de dados (Vieira, 2009; Gil, 1999), direcionado aos representantes de ILPI's (n=42). A pesquisa contou com a realização de uma entrevista estruturada para aplicação de um questionário via contato telefônico, contendo 9 perguntas, sendo 4 abertas e 5 fechadas. As perguntas foram direcionadas acerca do bairro onde estavam localizadas, a oferta de acompanhamento psicológico, ao modelo da instituição, se pública, privada ou mista, a quantidade de pessoas idosas residentes em cada uma delas, ao valor médio da mensalidade praticado e ao tipo de acompanhamento oferecido, assim como, as instituições que já ofereceram e as que pretendiam oferecer, e também, as percepções sobre a existência de uma legislação que recomendasse a atuação e

presença de um (a) profissional de Psicologia nas instituições.

Os resultados apresentaram pouco conteúdo científico a respeito da atuação e contratação do psicólogo nas Instituições de Longa Permanência, assim como a ausência de Legislações do Ministério da Saúde e Estatuto da Pessoa Idosa, que recomendem ou estabeleçam obrigatoriedade para a contratação de um (a) psicólogo (a) para atuação nas ILPI's, deixando a critério das instituições optarem por oferecer esse tipo de acompanhamento. Com base no levantamento de dados acerca do objetivo da pesquisa, notou-se que as instituições não oferecem o acompanhamento psicológico, apresentaram resistência sobre a presença do profissional de psicologia nas instituições, deixando essa responsabilidade para as famílias.

Concluiu-se que devido à ausência de recomendação da contratação de um (a) psicólogo (a) pelas ILPI's, a atuação e presença destes profissionais não se dão de forma habitual, deste modo as instituições acabam por não integrar ao seu planejamento o cuidado com a saúde mental no processo de envelhecimento. Reconheceu-se que a Psicologia dispõe de uma vasta contribuição para com a longevidade, compreendendo a pessoa idosa em sua nova maneira de estar no mundo.

Longevidade

Atualmente a população longeva tem atingido números expressivos comparado a outra época de nossa história, mesmo com o aumento da expectativa de vida pouco se comenta a respeito da longevidade (Ávila *et al.*, 2007).

No Brasil aproximadamente 17% da população total são de pessoas com mais de 60 anos, segundo o IBGE (2022). É importante acompanhar os aspectos relacionados a qualidade de vida na longevidade, pois estima-se que até 2050, há possibilidade de o número de pessoas idosas se igualar ou ultrapassar o número de crianças e adolescentes de 0 a 15 anos, conforme o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003).

Segundo Camarano (2010), é notável o aumento da longevidade populacional devida as grandes mudanças que ocorrem no mundo, sendo necessário acompanhar as

condições de cuidados que os longevos terão ao chegar nessa fase.

De acordo com Papalia *et al.* (2013), a fase da vida caracterizada como longevidade, pode ser compreendida a partir dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, a pessoa mais velha, é definida como idosa ao chegar nos 60 anos. A quantidade de pessoas idosas acima de 60 anos, está aumentando de forma mais rápida comparada a qualquer outra faixa etária (Schneider, 2008).

Faz-se referência a três grupos de pessoas idosas: idosos jovens, de 65 a 74 anos, idosos velhos de 75 a 84 anos e os idosos mais velhos de 85 anos ou mais, que gradualmente, apresentam perdas da capacidade motora, funcional e alterações psicológicas (Papalia *et al.*, 2006).

A qualidade do envelhecimento não pode ser determinada pela idade cronológica, mas sim do resultado das experiências vividas, da maneira de conduzir a vida no presente e as expectativas para o futuro (Schneider, 2008).

Pode-se compreender a idade psicológica através de comportamentos aprendidos e preservados durante a vida que influenciam diretamente na maneira como as pessoas envelhecem, o envelhecimento é uma construção do que o sujeito realizou durante toda a vida (WHO, 2005).

Ao longo do processo de envelhecimento ocorrem modificações corporais e mentais, contudo, nem todas interferem nas capacidades necessárias para desempenhar as atividades diárias (Costa; Pereira, 2005 apud Schneider, 2008 p. 6).

Movimento Familiar e Institucionalização

Considera-se a família o ambiente natural da pessoa idosa, deste modo, este relacionamento é importante em qualquer etapa da vida (Jede; Spuldaro, 2009).

Segundo Caldas (2003 apud Jede; Spuldaro, 2009), a família tem um papel importante no cuidado da pessoa idosa, sendo a primeira instância na ordem de suporte, ainda que o cuidado familiar seja um elemento importante, nem todos os idosos recebem esse suporte.

Caldas (2003 apud Jede; Spuldaro, 2009 p. 2), relata que:

O cuidado de forma inadequada, ineficiente, ou mesmo inexistente, é observado em situações nas quais

os membros da família não estão disponíveis, estão sobrecarregados ou despreparados para essas responsabilidades. Nesses casos, existe a possibilidade de maus-tratos e abuso. Portanto, por mais que a legislação, as políticas públicas e até mesmo a sociedade afirmem e acreditem que os idosos devem ser cuidados pela família, não pode garantir que esta prestará um cuidado humanizado. Para acompanhar essas situações são necessários programas e serviços para idosos. Essas ações são urgentes e importantes, pois muitos idosos isolados, dependentes e abandonados necessitam de alternativas à assistência familiar de que não dispõem (Caldas, 2003 apud Jede; Spuldaro, 2009 p. 2).

O novo modelo familiar dispensa os membros da família da responsabilidade dos cuidados da pessoa idosa, tornando esse ato em uma sobrecarga, acreditando-se que a Instituição de Longa Permanência para Idosos é mais competente para essa função (Debert, 1999).

Para Camarano (2010), com as mudanças da vida atual, mesmo que seja considerado obrigação da família os cuidados da pessoa idosa dependente, o mercado privado e o Estado passam a dividir essa responsabilidade por meio das ILPI's.

Instituições de Longa Permanência

Para Born (2006 apud Sobral, 2018), as Instituições de Longa Permanência para Idosos, tem como principal objetivo cuidar de pessoas acima de 60 anos, que na maioria das vezes são institucionalizadas por seus familiares, para que estes possam ter o menor incômodo em suas rotinas.

Segundo a Resolução de Diretoria Colegiada nº502 do Ministério da Saúde (Brasil, 2021), a instituição deve proporcionar o exercício dos direitos humanos, promovendo a integridade do estado de vida da pessoa idosa, mantendo o padrão mínimo de funcionamento para as condições de moradia das instituições.

No Brasil, envelhecer sem independência e autonomia, faz parte do lado oculto da opinião pública, pois tem sido mantida no ambiente familiar de lares ou instituições, o que impede a clareza e, qualquer

preocupação política de proteção social (Jede; Spuldaro, 2009).

Estatuto da Pessoa Idosa

O Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2022 p.12), ressalta que:

Art. 2º A pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Brasil, 2022 p. 12).

Capítulo I - Do Direito a Vida do Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2022 p.15):

Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade (Brasil, 2022 p.15).

Capítulo II - Das Entidades de Atendimento, são apresentadas as condições em relação a alocação da pessoa idosa e os requisitos para promover a qualidade de vida do institucionalizado (Brasil, 2022).

Atuação da Psicologia

A Psicologia acerca do cuidado com a pessoa idosa em Instituições de Longa Permanência, tem como principais pontos de atenção a depressão e a demência, pois se agravadas podem levar ao desenvolvimento da incapacidade cognitiva (Sobral, 2018). Para Stella *et al.* (2002 apud Sobral, 2018 p. 5), o quadro depressivo da pessoa idosa, pode ser desencadeado por diversos fatores atrelados a predisposição genética, o enfrentamento do isolamento de seu convívio social, abandono, perdas, lutos e doenças que causem incapacidades.

A atuação do profissional de Psicologia em Instituições de Longa Permanência, visa promover a saúde e o bem estar mental, afim de manter a qualidade de vida e a auto

estima, valorizando a pessoa idosa enquanto ser social (Sobral, 2018). Para Cherem (2007), o psicólogo busca possibilitar mudanças através de reflexões trazendo conscientização social no processo de longevidade da pessoa idosa.

Segundo estudo realizado por Böing e Crepaldi (2010), sobre a atuação de psicólogos no Sistema Único de Saúde (SUS), constatou-se que apenas 14 de 964 documentos pesquisados, o profissional de Psicologia foi citado como necessário nas equipes de saúde, e nos demais foi citado em nível secundário e terciário.

Metodologia

Trata-se de levantamento de dados, com abordagem quantitativa, que por sua vez, tem formato previamente estabelecido, com hipóteses e variáveis definidas por quem a estuda (Vieira, 2009). Realizado através de contato telefônico com os responsáveis pelas Instituições de Longa Permanência (n=42) localizadas na cidade de Curitiba/ PR, com base em uma lista de instituições disponibilizadas pela Prefeitura da cidade e também de uma lista gerada pelas pesquisadoras. No contato com as instituições, foi realizado o preenchimento de um questionário estruturado, com perguntas previamente definidas (Gil, 1999), que permitiu uma análise quantitativa das respostas coletadas, que incluíram informações sobre se ofereciam ou não o acompanhamento psicológico da pessoa idosa residente, localização da instituição, quantidade de residentes, valor da mensalidade, tipo de acompanhamento realizado e o posicionamento sobre a existência de uma lei que recomendasse a atuação e presença de um profissional de Psicologia nessas instituições.

Os contatos foram realizados ao longo de três meses, em que foram encontradas dificuldades no contato com o (a) representante da instituição, para que participassem da pesquisa, sendo: devido à ausência ou indisponibilidade para falar, telefone indisponível ou inexistente, solicitação de contato posterior ou encaminhamento do questionário pelo WhatsApp, não aceitação de participação na pesquisa após saber o assunto, em todas estas situações não houveram resposta para a pergunta: A instituição oferece o

acompanhamento psicológico aos idosos residentes?

Ao final do terceiro mês, diante das situações citadas, foram contabilizadas poucas participações, das 42 instituições contatadas apenas 16 delas responderam à pesquisa, com base nesse número de respondentes, foram apresentados resultados e analisados a partir de referencial teórico, permitindo obter uma percepção parcial sobre os objetivos da pesquisa.

Resultados

A partir da coleta de dados realizada através das entrevistas com as instituições, alcançou-se um total de 16 respondentes das 42 contatadas.

Na tabela 1, visualiza-se a distribuição das instituições respondentes por bairro na cidade de Curitiba/PR.

Tabela 1 - Distribuição por bairros

Bairro	Quantidade de instituições
Alto da Glória	1
Bacacheri	2
Boqueirão	1
Cachoeira	1
Capão Raso	1
Cascatinha	1
Hauer	1
Jardim Botânico	1
Tingui	1
Pinheirinho	1
Uberaba	1
Vila Izabel	1
Xaxim	2
Total	16

Fonte: As pesquisadoras (2023)

Conforme a tabela 2, verifica-se a distribuição acerca do modelo das instituições participantes da pesquisa.

Tabela 2 - Modelo da instituição

Modelo	Quantidade
Pública	1
Privada	15
Mista	0
Total	16

Fonte: As pesquisadoras (2023)

O número médio de residentes nas instituições privadas é de aproximadamente 22 pessoas idosas e na instituição pública é de aproximadamente 20. Durante o levantamento de dados não foram identificadas instituições mistas.

Os valores cobrados pelas mensalidades das 11 instituições privadas variaram entre R\$ 3.300,00 até R\$10.000,00, 4 das instituições optaram por não informar o valor praticado.

Das 16 instituições respondentes, 6 oferecem o acompanhamento psicológico para o idoso. Esse acompanhamento é realizado através de profissional contratado por 5 das instituições, por profissional voluntário por 1 e através de estagiário de faculdade por 2 das instituições. As sessões ocorrem de forma individual por 6 das instituições, e de forma coletiva por 4 delas. As outras 10 que não oferecem o acompanhamento, 7 delas nunca ofereceram, 3 delas já ofereceram em algum momento e apenas 2 delas possuem pretensão de oferecer.

A respeito do posicionamento das instituições quanto da existência de uma legislação que recomendasse a atuação e presença de um (a) profissional de Psicologia nas instituições, 9 das instituições responderam que não são favoráveis e 7 das instituições responderam que são favoráveis, com isso foram extraídas as respostas do formulário de pesquisa que melhor descrevem os seus posicionamentos:

“Não acho viável.”

“Não acredito ser viável, devido às enfermidades dos residentes.”

“Bem complicado, o que acontece normalmente é problema com familiares, envolveria os idosos e familiares, não viável.”

“Contra, devido aos graus de dependência de cada patologia apresentada pelos residentes, foge dos princípios de um bom atendimento, causaria impacto sobre a rotina, e quando se sente a necessidade, é feita a orientação para cada família, com a obrigatoriedade, passa a ser uma instituição de saúde e deixa de ser uma instituição de cuidados.”

“Acredito não ser necessário, pois as recomendações para instituição são que não há necessidade visto que a maioria dos idosos não estão lúcidos para acompanhamento de um profissional, seria interessante apenas para os cuidadores caso fosse sem custo para a instituição.”

“Acho que deveria existir uma lei que o profissional lidasse com a família, pois seria importante, são quem mais precisa.”

“Sou contra a existência de uma lei, pois cada instituição avalia a necessidade de existir a presença de um psicólogo, instituições que trabalham acima de grau 3 por exemplo, a presença de um não é benéfica.”

“Acho que não há necessidade pois os idosos não gostam, preferem outras atividades. Além da rotina ser corrida o que dificultaria proporcionar mais esse serviço, quando há a necessidade os próprios parentes verificam de forma particular.”

“Por um lado, é bom, mas vai muito dos níveis de residentes, pois a equipe já faz esse trabalho de psicólogo, a gente conversa quando precisa, a gente acaba por ser os psicólogos dos idosos.”

“Ótimo, devido ao profissional atual que comparece apenas de 15 em 15 dias, seria bom ter um profissional disponível para todas as situações que aparecem no dia a dia.”

“Sempre bom ter um profissional pra ouvir os idosos.”

“Eu acho que deveria ter uma lei pois é necessário e deveria ter psicólogo em todos os lares.”

“Seria interessante, pois é importante para os idosos e faz falta ter um acompanhamento.”

“Seria muito bom porque ajuda muitos os idosos e poderia ajudar os profissionais também no dia a dia da instituição”

“Deveria existir, acho importante pois principalmente as residentes lúcidas sentem a falta de conversar com alguém e muitas

vezes o profissional/cuidador da instituição não tempo para dar atenção necessária, o que faz com que se sintam sozinhas.”

“Sim, seria importante.”

Análise

Houve 16 respostas para a pesquisa de um total de 42 instituições contatadas, notou-se desinteresse em aceitar a participação quando mencionado que a pesquisa buscava saber sobre o acompanhamento psicológico da pessoa idosa residente. Muitas das instituições solicitaram que o contato fosse realizado em outro momento, pois o responsável não estava disponível para prestar as informações, ou que a pesquisa fosse encaminhada pelo aplicativo WhatsApp, ou até mesmo via e-mail, mas através destes meios não houve o retorno, e quando se entrava em contato novamente, novos motivos eram dados para a não participação.

Mesmo com as dificuldades encontradas, a análise foi realizada a partir das instituições que aceitaram participar da pesquisa, em que, 6 delas responderam que oferecem o acompanhamento psicólogo, ao contrário de 10 que não oferecem. Remetendo ao entendimento de que a presença de um profissional de psicologia pode não ser relevante para os responsáveis pelas instituições, indo de encontro com as legislações que não recomendam ou estabelecem a obrigatoriedade da presença deste profissional. No entanto, conforme estudo realizado por Böing e Crepaldi (2010), a contribuição do profissional da Psicologia é extremamente necessária no contexto da longevidade e em instituições de acolhimento da pessoa idosa, porém é pouco mencionado nas políticas de saúde para composição das equipes na atenção básica, ou seja, não contam com este profissional, deixando a critério das instituições optar por ter esse tipo de acompanhamento dos longevos residentes.

Para Corrêa *et al.* (2012), o trabalho do psicólogo nas ILPI's é fundamental para reforçar os recursos do próprio indivíduo no cuidado da saúde mental, assim como é necessário que o psicólogo ressalte a importância de seu lugar de atuação, visto que a falta desses profissionais nessas

instituições é decorrente de vários fatores, principalmente o das legislações.

Visto isso, no questionamento as instituições sobre qual seria o seu posicionamento sobre a existência de uma Lei, que recomendasse a atuação e presença de um profissional de psicologia na instituição, houve um grupo de instituições favoráveis a presença do profissional de psicologia, e outro não favorável.

Identificou-se que a maioria das instituições não acreditam na viabilidade da presença de um profissional, pois mencionam que os problemas são particulares, geralmente com os familiares, e havendo a necessidade de acompanhamento, fica a cargo da família providenciar, relatam que atrapalharia na rotina de cuidados diários dos longevos e não veem necessidade devido as enfermidades dos residentes. Algumas instituições acreditam já exercer o "papel de psicólogos" e que caso houvesse a obrigatoriedade, passaria de uma instituição de cuidados para uma instituição de saúde.

As instituições que se mostraram favoráveis a presença de um profissional na instituição, mencionam que seria bom ter um profissional disponível para todas as situações que aparecerem, relatam a falta em ter um acompanhamento não só para os longevos, mas também para os profissionais da instituição.

Sobral *et al.* (2018), realizou uma pesquisa sobre a relevância do psicólogo em Instituições de Longa Permanência, e concluiu que a atuação do psicólogo nas instituições é de grande importância para garantia de assistência a pessoa idosa e aos profissionais que ali atuam, incentivando um olhar mais cuidadoso e a reflexão social sobre a longevidade.

Conclusão

As Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas no município de Curitiba/ Paraná, não oferecem o acompanhamento psicológico aos residentes, visto que, a Resolução de Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - RDC nº502, de 27 de maio de 2021, do Ministério da Saúde, prevê somente um padrão mínimo de funcionamento sobre as condições de moradia e, também a

necessidade de se manter a integridade do estado de vida da pessoa idosa, e não havendo recomendação ou a obrigatoriedade da atuação de um profissional de Psicologia nas ILPI's. Deste modo, as instituições acabam por não integrar ao seu planejamento institucional o cuidado com a saúde mental na longevidade.

Essa pesquisa convida as instituições a olharem o envelhecimento de uma outra maneira, reconhecendo que a Psicologia dispõe de uma vasta contribuição para com a longevidade, compreendendo a pessoa idosa em sua nova maneira de estar no mundo, a forma como investe nas relações ao longo de sua história e habita seu próprio corpo envelhecido e principalmente considerando os aspectos psicológicos.

Por desconhecimento ou intencionalidade, as instituições acabam por considerar desnecessário ter o olhar voltado para a saúde mental do longo, considerando apenas os aspectos biológicos, alimentar e cuidar. Desvalorizam os aspectos fisiológicos, rechaçam o serviço de psicologia, justificando com a demência.

As instituições ainda estão com a visão da velha velhice, embora tenham um nome de recanto, casa de repouso, lar, retiro, dentre outros, são nomes contraditórios com a atenção oferecida, na maioria dos casos dispõem de uma conduta asilar.

Em uma sociedade cada vez mais longa, ressaltamos a importância de identificar as demandas do processo de longevidade, a fim de proporcionar condições para desempenhar a promoção da saúde, buscando considerar novas formas em que as pessoas idosas possam viver mais tempo e com qualidade.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, A. H., Guerra M.; Meneses M. P. R. Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice. **Pensamento Psicológico**, 3(8), 7-18, 2007, Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/801/80130802.pdf>>. Acesso em 15 de mar. de 2023.

BRASIL, Katia Tarouquella Rodrigues; BARCELOS, Maria Angélica Rodrigues de;

ARRAIS, Alessandra da Rocha; *et al.* A clínica do envelhecimento: desafios e reflexões para prática psicológica com idosos. **Aletheia**, n. 40, p. 120–133, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-03942013000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 21 abr. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Estatuto da Pessoa Idosa: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: 3ª edição, 2. reimpressão. - Ministério da Saúde, jul. 2022. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/estatuto-da-pessoa-idosa.pdf>>. Acesso em 12 de mai. de 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº502, de 27 de maio de 2021. Dispõe sobre o funcionamento de Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. Disponível em <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdc0502_27_05_2021.pdf>. Acesso em: 18 de mar. de 2023.

BRASIL. **Ministério da Defesa**. Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), lei nº 13.709/2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/aceso-a-informacao/lei-geral-de-protacao-de-dados-pessoais-lgpd>>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

BRASIL. **Ministério Público do Paraná** (2019). Listagem de ILPI's no estado do Paraná. Disponível em: <https://corregedoria.mppr.mp.br/arquivos/Fil_e/cgmp/2019/Listagem-de-ILPIs.pdf>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

BÖING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida. O psicólogo na atenção básica: uma incursão pelas políticas públicas de saúde brasileiras. **Psicologia: Ciência e**

Profissão, v. 30, n. 3, p. 634–649, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300014&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 7 maio 2023.

CALDAS, C. P. Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 773-781, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, n. 1, p. 232–235, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 9 abr. 2023.

CHEREM, Samia. (2007). **Violência contra idosos: Um estudo sobre os serviços de Assistência psicossocial articulados com o Estatuto do Idoso, no município de Florianópolis, SC**. 2007, Biguaçu. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Samia%20Cherm.pdf>> Acesso em: 7 mai. 23.

COLOMÉ, Isabel Cristina dos Santos; MARQUI, Alessandra Bernadete Trovó de; JAHN, Alice do Carmo; *et al.* Cuidar de idosos institucionalizados: características e dificuldades dos cuidadores. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 306–12, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/9376>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CORRÊA, Jimilly Caputo; FERREIRA, Maria Elisa Caputo; FERREIRA, Vanessa Nolasco; *et al.* Percepção de idosos sobre o papel do psicólogo em instituições de longa permanência. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 15, p. 127–136, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/wwRGpXHrfJmR9sTHwN44v4g/>>. Acesso em: 28 maio 2023.

DEBERT, G. G. (1999). **A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo, SP: Edusp.

FREITAS, Mariana Ayres Vilhena de; SCHEICHER, Marcos Eduardo. Qualidade de vida de idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, p. 395–401, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/rbagg/a/ZwHmySy3rqG4YbSjkbvHjYL/?lang=pt>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

FREITAS, Henrique; MOSCAROLA, Jean. Da observação à decisão: métodos de pesquisa e de análise quantitativa e qualitativa de dados. **RAE eletrônica**, v. 1, n. 1, p. 1–30, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482002000100006&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, C. A. & Tardivo L. S. de La P. C. (2011). A oficina de cartas, fotografias e lembranças como intervenção psicoterapêutica grupal com idosos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, 19(1-2), Jan-Jun 2011, 19-27p. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/2214/3050>> Acesso em: 09 abr. de 2023.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2022. Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação. Disponível em: <<https://ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em 12 de mar. de 2023.

JEDE, Marina; SPULDARO, Mariana. Cuidado do idoso dependente no contexto familiar: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/375>>. Acesso em: 24 maio 2023.

MOMENTIVE. **SurveyMonkey**. © 1999-2023. Calcule o tamanho da sua amostra. Disponível em: <<https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

PAPALIA, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D.; GROSS, D. **Desenvolvimento humano**. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, p. 585–593, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdthHbLvZPLZk8MtMNmZyb/>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

SILVA, G. L. F. KNECHTEL, Maria do Rosário. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 531–534, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.11i2.0013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/>

[praxiseducativa/article/view/8846](https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8846). Acesso em: 22 mar. 2023.

SOBRAL, Ana Luiza Oliveira; GUIMARÃES, Augusto de Oliveira; SOUZA, Flávia Feitoza de. A relevância da atuação do psicólogo em Instituição de Longa Permanência para Idoso (ILPI). **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 21, n. 4, p. 441–455, 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/artic le/view/45619/30153>>. Acesso em: 9 abr. 2023.

THIOLLENT, M. (2009). **Metodologia de Pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

WHO, World Health Organization. (2005). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: **Organização Pan-Americana da Saúde**. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em 9 abr. 2023.



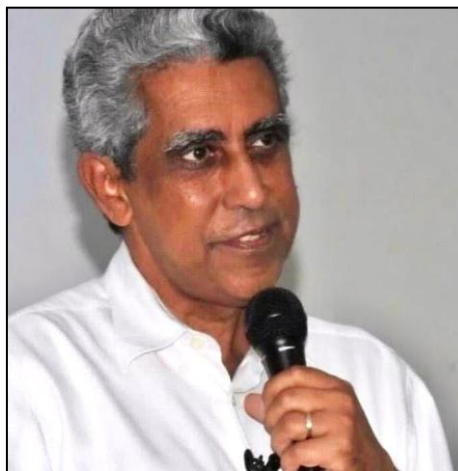
REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

5 – ANDRÉ LUIZ PEIXINHO – mais uma partida inesperada

Celeste Carneiro¹
 Marco Peixinho²
 Eleonora Peixinho³



No dia 30 de março do ano de 2024, André Peixinho realizava mais uma atividade on-line com a equipe da Federação Espírita do Estado da Bahia, às 14h, quando se sentiu mal. Era um sábado da Semana Santa.

Chamaram o SAMU, os médicos tentaram reanimá-lo por uma hora e meia, mas em vão: ele já havia partido para a Pátria Espiritual. Teve um infarto fulminante, deixando uma grande lacuna na família, no Movimento Espírita, nas Universidades onde lecionava, nos Hospitais e clínicas onde atendia, na sociedade em geral.

Estive com ele na Mansão do Caminho na quinta-feira anterior, dia 28/03, quando nos abraçamos alegremente. Nem imaginávamos que seria o último abraço no plano material.

Tenho por ele uma profunda gratidão, pois, seguindo o seu conselho eu me tornei Arteterapeuta; com seu apoio eu lecionei nos cursos de pós-graduação em Psicologia Transpessoal e em Arteterapia. Foi com os seus ensinamentos que escrevi o livro **Arte, Neurociência e Transcendência** (publicado pela editora WAK), e, ouvindo suas palestras muito aprendi e procuro aplicar na minha vida prática.

¹ **Celeste Carneiro** – Editora da Revista Transdisciplinar, Arteterapeuta e Terapeuta Transpessoal.

² **Eleonora Peixinho** – Médica Clínica. Diretora da Unidade de Saúde Complexo Comunitário Vida Plena (CCVP). Professora Adjunta da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Avaliadora do Projeto Mobilizadoras da Paz. Formação em Tanatologia. Mestre em Medicina Interna (UFBA). Terapeuta em Psicologia Analítica pelo Instituto Junguiano (IJBA) e Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).

³ **Marco Peixinho** – Graduado em Geologia e Mestre em Hidrogeologia e Recursos Hídricos pela UFBA, especialista em Gestão Ambiental pela UGF – Universidade Gama Filho - RJ. MBA em Gestão de Projeto pela USP/ ESALQ. Geólogo da CERB – Cia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia. Presidente do Núcleo BA/SE da ABAS – Associação Brasileira de Águas Subterrâneas.

*

Passo a palavra para os seus irmãos:

André Luiz Peixinho, Médico, Filósofo, Psicólogo, Escritor, Palestrante, Mestrado em Medicina Interna e Doutorado em Educação, nasceu em Serrinha-BA em 30 de dezembro de 1951 e desencarnou em 30 de março de 2024.

É o quarto dos sete filhos de Aristóteles Damasceno Peixinho e Maria Rosa Lima Peixinho, sertanejos, o pai de Uauá e a mãe de Santa Luz. O casal, oriundo de famílias de poucos recursos financeiros, enfrentou muita dificuldade para sobreviver, mas trabalharam e tinham um sonho de ver os filhos formados, na capital, Salvador.

Seu pai, Aristóteles Peixinho, médium, espírita Kardecista, tinha o lema: “fora da caridade não há salvação”. Ajudou a fundar 17 centros espíritas na Região Sisaleira da Bahia. E André Luiz, logo aos 14 anos, revelou o pendor para oratória, fez a primeira palestra espírita, enquanto seus irmãos, cada um a seu tempo, foram aderindo à referida doutrina.

André, desde o primário já era um aluno diferenciado, sempre brilhante. Depois cursou o ginásio (hoje Ensino Fundamental II) no Rubem Nogueira, onde conheceu sua companheira de jornada da vida, Ednólia Pinto Peixinho. Ele sempre manifestou que seria médico e com esforço e auxílio familiar, se mudou para capital, dormia na casa de uma tia e se alimentava na casa de outra.

Aos 15 anos cursou o ensino médio no colégio público João Florêncio Gomes, na cidade baixa, e foi aluno exemplar. Posteriormente fez a seleção no Colégio Águia para bolsa de estudo pré-vestibular para Medicina e, novamente, foi o primeiro colocado.

Durante a graduação em medicina, as notas eram altas. E, ao mesmo tempo, frequentava o Centro Espírita Caminho da Redenção, coordenado por Divaldo Franco e Nilson Pereira, onde assumiu a coordenação da Juventude Nina Arueira, se tornando orador espírita brilhante.

Foi residente no Hospital Santo Antônio (HSA), onde se aproximou de Irmã Dulce, hoje Santa, e, depois, coordenou a residência e o internato, junto com a Irmã, criando uma amizade de muito amor e parceria, durante 18 anos, até o falecimento

da referida freira. Lutou muito e conseguiu implantar a residência médica no referido hospital, atualmente, “HSA/Obras Sociais Irmã Dulce⁴”, o que estabilizou as permanências de médicos, que antes eram voluntários, fazendo o hospital crescer com planejamento adequado.

Há 25 anos criou a Sociedade Hólon⁵, organização não governamental, que investe no potencial humano através da Saúde, Educação, Apoio Social e Arte. A referida ONG está, também, vinculada ao Instituto Hólon⁶, que oferece atendimento psicológico e social. Tornou-se sócio proprietário do instituto Junguiano da Bahia/IJBA⁷, juntamente com Carlos São Paulo, onde é oferecido curso de pós-graduação, *lato sensu*, e atendimentos psicoterápicos com tarifas sociais.

Junto com sua irmã médica, Eleonora Peixinho, criaram em Pau da Lima/Salvador, bairro periférico, o Centro Comunitário Vida Plena 1 (CCVP)⁸, que atende os moradores do bairro e adjacências, com assistência multiprofissional da área de saúde, em parceria com a Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), onde se tornou professor competente, dedicado e muito respeitado e, paralelamente, era professor de Medicina na Universidade Federal de Bahia. Recentemente criou ou CCVP 2, em parceria com a Faculdade UNIME, a fim de ampliar a assistência social, educação e saúde de comunidades carentes. Ao mesmo tempo, publicou livros de cunho filosófico espírita.

Sempre soube desde os 12 anos que tinha uma cardiopatia – prolapso da válvula mitral e numa visão sua, previu, e confessou publicamente que seu desencarne poderia ocorrer aos 72 anos, este ano, e se preparava diariamente para isto, sem alarde. Falecimento que ocorreu e deixou muitos chocados e saudosos.

Deixou um legado imenso de caridade, amorosidade e educação que seus discípulos devem levar adiante.

Onde estiver agora na espiritualidade, livre do corpo carnal, terá oportunidade de

⁴ <https://www.irmadulce.org.br/home>

⁵ <https://www.sociedadeholon.org/>

⁶ <https://www.institutoholon.com.br/>

⁷ <https://www.ijba.com.br/>

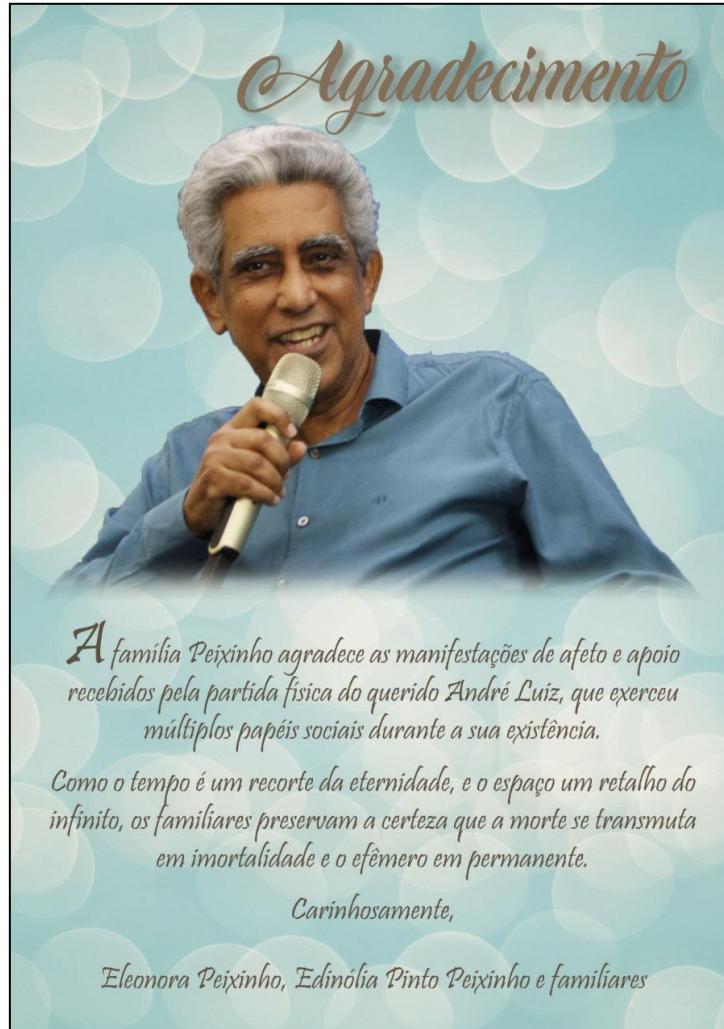
⁸ <https://www.bahiana.edu.br/noticia/33463/vida-plena/>

seguir com sua missão de Mestre e discípulo de Jesus que ele tanta ama.

Que Deus o abençoe nesta nova fase da

sua caminhada espiritual.

E fica nossa imensa gratidão pelo que fez à humanidade, como verdadeiro Cristão.





REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 23 – Ano 12 – Nº 23 – 1º semestre/2024 ISSN 2317-8612
<http://revistatransdisciplinar.com.br> - www.artezen.org

6

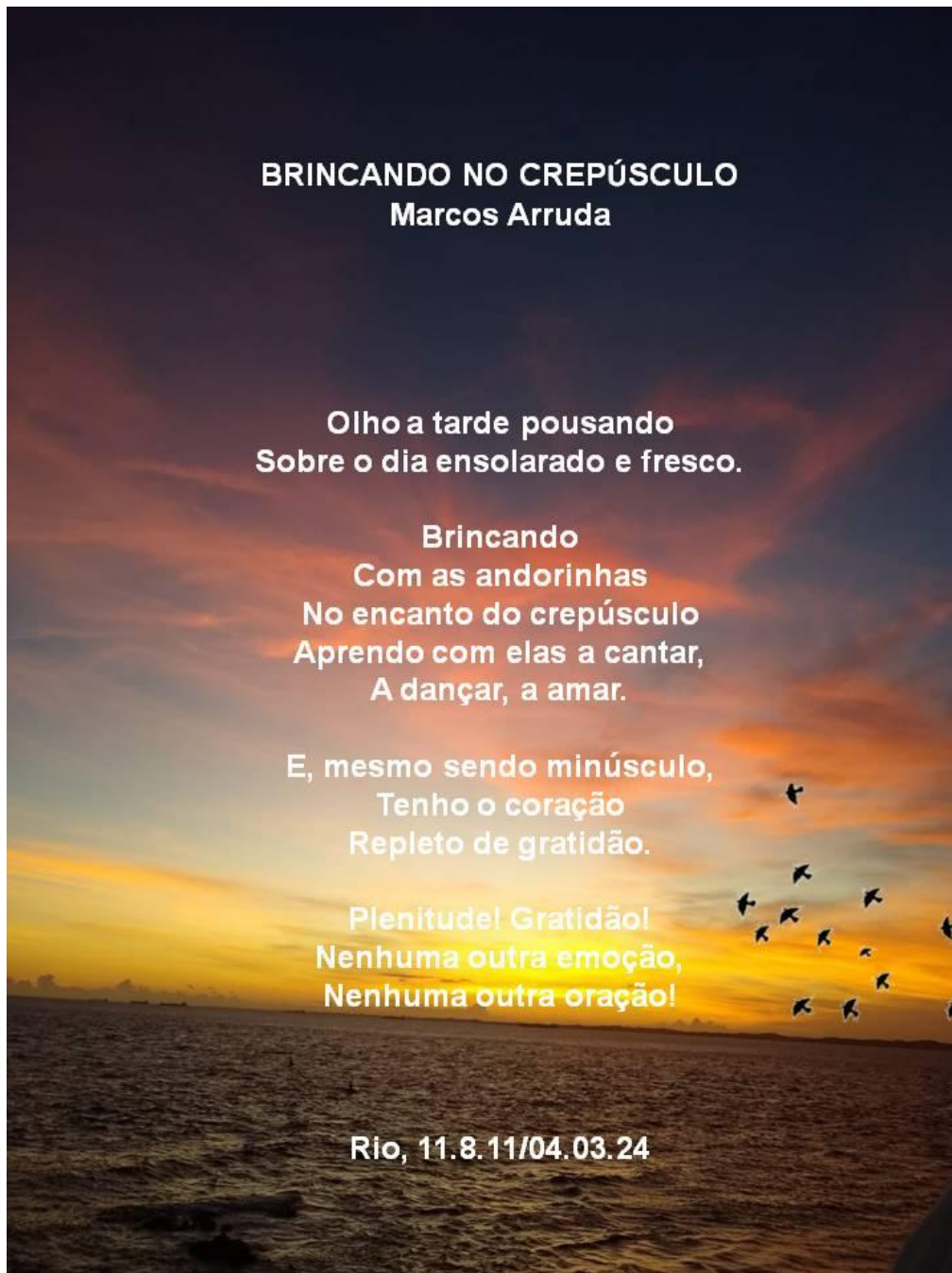


Foto: Celeste Carneiro

Marcos Arruda - Economista e educador do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), Rio de Janeiro, terapeuta social do CIT – Colégio Internacional de Terapeutas, facilitador da UNIPAZ e do Programa Educação Gaia.